



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



METODOLOGIA

USINA DE VALORES

MATERIAL DO CURSISTA



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



INSTITUTO VLADIMIR HERZOG

O Instituto Vladimir Herzog (IVH) é uma organização da sociedade civil que atua na área da defesa dos direitos humanos há mais de 10 anos. Sua missão é trabalhar com a sociedade pelos valores da Democracia, Direitos Humanos e Liberdade de Expressão, celebrando e honrando a vida e o legado de Vladimir Herzog. As ações do Instituto se organizam em três grandes frentes:

**Memória, Verdade e
Justiça**



**Jornalismo e Liberdade de
Expressão**



**Educação em Direitos
Humanos**



*"Quando perdemos a capacidade de nos indignar com as atrocidades praticadas contra outros, perdemos também o direito de nos considerar seres humanos civilizados."
(Vladimir Herzog)*

EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

O QUE QUEREMOS: Uma sociedade em que os valores dos direitos humanos, a equidade e o pensamento crítico sejam práticas conscientemente exercidas para uma cidadania emancipatória

O QUE FAZEMOS: Atuamos na criação e desenvolvimento de estratégias educativas para disseminação dos valores dos direitos humanos nas práticas cotidianas, por meio da formação de formadores/as, no sentido de contribuir para que escolas e comunidades se vejam livres de violências e de expressões do autoritarismo.

COMO FAZEMOS: Por meio de projetos e ações educativas em consonância com o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH)



+ EDUCAÇÃO BÁSICA

Projeto Respeitar é Preciso!, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

+ EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Metodologia Usina de Valores - MUV, já beneficiou mais de 2600 ativistas em oito estados (BA, ES, PA, PE, RJ, RS, SC e SP).

+ PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS

Produção e disseminação de conteúdos sobre temas atuais dos Direitos Humanos.

+ ENSINO SUPERIOR

Prêmio de Reconhecimento Acadêmico em Direitos Humanos, com a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

+ MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO

Processos sistemáticos de **acompanhamento e análise de resultados**.



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



Usina de Valores é uma iniciativa educativa do Instituto Vladimir Herzog para promover os valores dos direitos humanos no cotidiano, buscando **fortalecer redes comunitárias e agentes de mudança em suas comunidades**, por territórios de direitos e bem-viver. Valoriza os **saberes de participantes e as potencialidades dos territórios** onde atua em parceria com entidades locais.

O processo formativo desenvolve-se por meio de uma metodologia de **educação popular em direitos humanos**, em consonância com o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH)



**DIG-
NIDADE**
HUMANA



**BEM-
VIVER**



**ES-
CUTA**
ATIVA



**CO-
EXISTIR**
NA DIFERENÇA



**ENGA-
JAMENTO**
POLÍTICO



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



CURSO: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DAS PERIFERIAS URBANAS BRASILEIRAS COMO RELEITURA DA HISTÓRIA DO BRASIL

[@vladimirherzog](#)



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



ESPECIALISTA:

É doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo, formado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo, tendo como foco de pesquisa, trajetória de intelectuais negros. É professor de Sociologia e História, desde 2015. Trabalhou como jovem articulador na secretaria de Direitos Humanos entre os anos de 2014 e 2016. Atualmente faz parte do coletivo CPDOC Guaianás e do cursinho Popular ACEPUSP.



@vladimirherzog



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MÓDULO 1 : HISTÓRIA E MEMÓRIA

TEMA: Caso Brasil (pt 1) – Enterramento:

História tradicional e memoricídio



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



CONTEÚDOS:

- 1) Formas de se contar uma história**
- 2) Conceito de história tradicional**
- 3) Memoricídio**



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



OBJETIVO:

Partiremos de uma alegoria - a ideia de aterramento para se pensar como as memórias oficiais são construídas a serviço das elites nacionais e orquestradas pelo Estado, simultaneamente. Na história da colonização muitos edifícios, esculturas, símbolos e aparatos foram aterrados para que acima deles se ergam os aparatos e instituições coloniais. Objetivamente, propomos dialogar com alguns textos clássicos que referendaram a história tradicional brasileira a fim de identificar os processos de memoricídio estampados por essa "história oficial". De acordo com a sistematização de Missiatto (2021), o memoricídio é uma "política de esquecimento executada pelo poder colonial", portanto, neste primeiro encontro adentraremos numa discussão teórica e conceitual para que desta maneira possamos construir um arcabouço de discussões e perspectiva crítica sobre as maneiras de se fazer história.



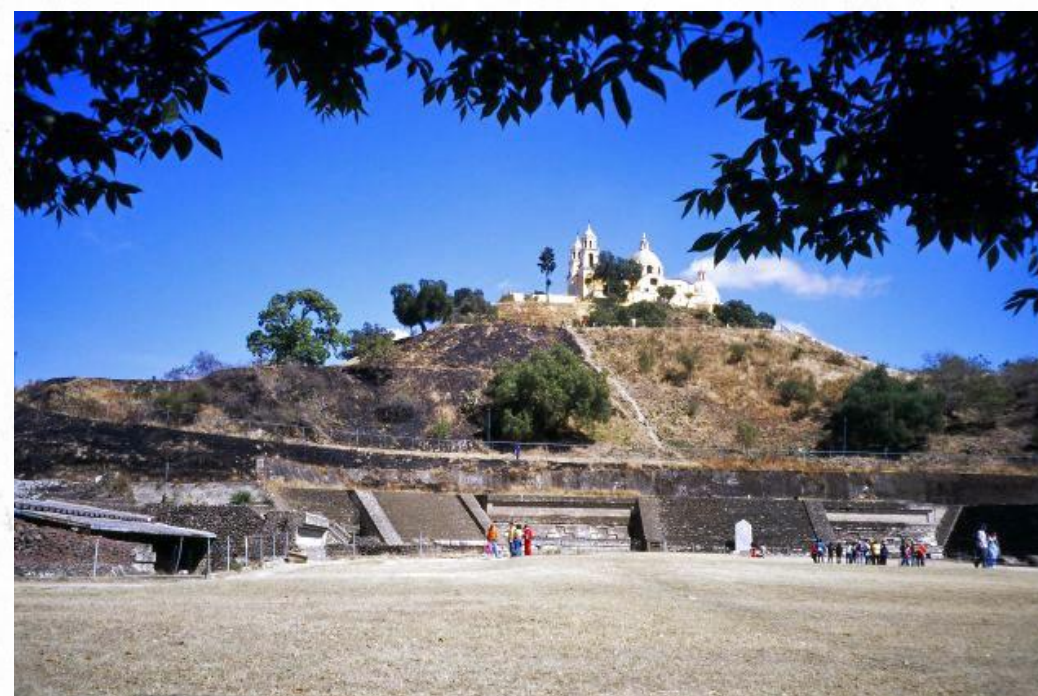
MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 1: ACOLHIDA

- **Quando falamos em História do Brasil, que fatos ou simbologias aparece nas nossas mentes?**
- **Se algum estrangeiro nos pergunte sobre a história do país, quais os fatos históricos elencamos como principais?**
- **O que podemos discutir sobre a formação da sociedade brasileira?**

MOMENTO 2: SENSIBILIZAÇÃO



Choula, Puebla, México



**DIG-
NIDADE**
HUMANA



**CO-
EXISTIR**
NA DIFERENÇA

MOMENTO 2: SENSIBILIZAÇÃO



Cemitério dos Pretos Novos (Rio de Janeiro, RJ)

MOMENTO 2: SENSIBILIZAÇÃO



1. Capela dos Aflitos (Liberdade, São Paulo, SP)
2. Mapa do século XIX onde situava o antigo Cemitério dos Aflitos (São Paulo, SP)

MOMENTO 2: SENSIBILIZAÇÃO

Construção da Ponte Salvador – Itaparica ameaça terreiros históricos na Bahia



**DIG-
NIDADE**
HUMANA



**ES-
CUTA**
ATIVA



**CO-
EXISTIR**
NA DIFERENÇA



**ENGA-
JAMENTO**
POLÍTICO



Terreiro Omo Ilê Agbôula



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

- 1. Quando falamos em história do Brasil, qual narrativa prevalece nas nossas mentes?**
- 2. Quais os tipos e narrativas de história do Brasil você já ouviu ou já te contaram?**
- 3. Já teve algum contato com a teoria da democracia racial?**

MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

**"Como deve se contar a
história do Brasil" (1844)**

Karl Von Marthius

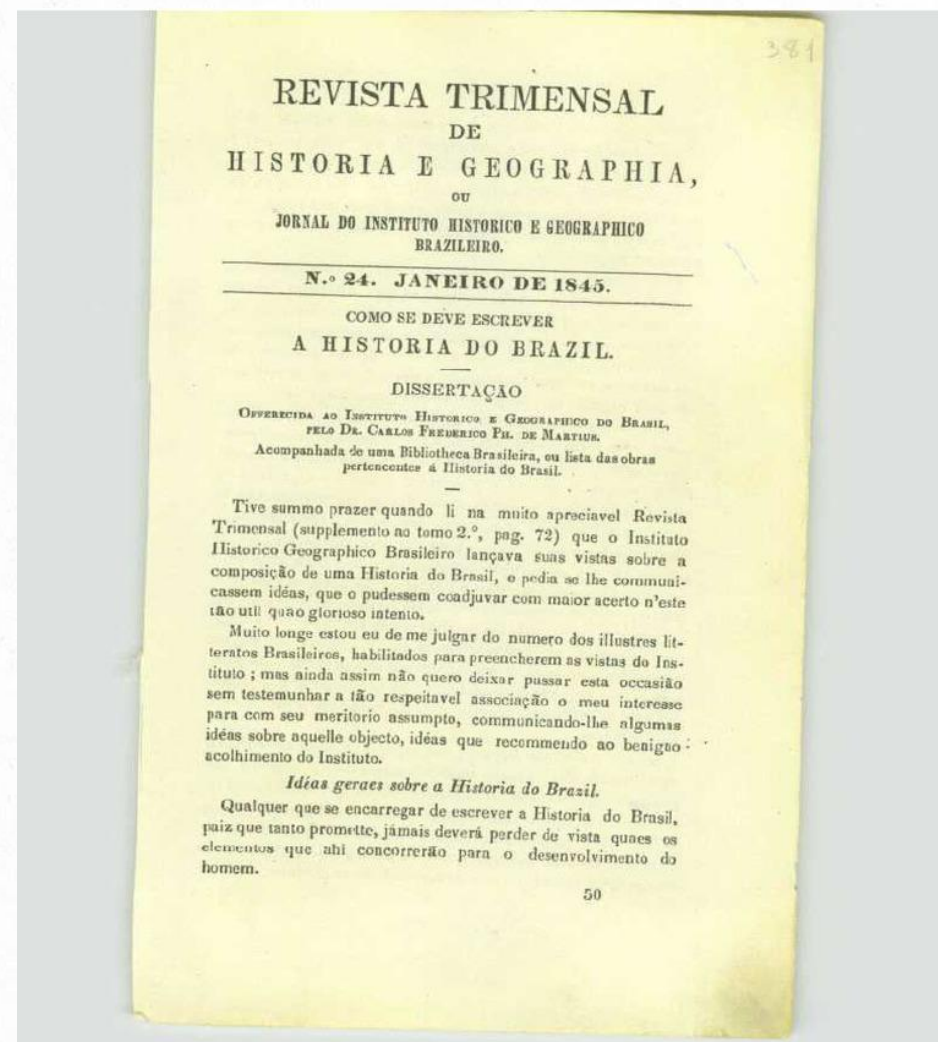
(1794–1868)



**CO-
EXISTIR
NA DIFERENÇA**



**ES-
CUTA
ATIVA**



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

– O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870–1930) – Lilia Schwarcz (1993)

1) “Fugindo das tropas de Junot, o monarca português desembarcava na colônia em 1808, com a firme intenção de estabelecer no país instituições centralizadoras que reproduzissem de forma perfeita o antigo domínio colonial” (p. 31) .

2) “Sediado no Rio de Janeiro, o IHGB surgia como um estabelecimento ligado à forte oligarquia local, associada financeira e intelectualmente a um “monarca ilustrado” e centralizador. Em suas mãos estava a responsabilidade de criar uma história para a nação, inventar uma memória para um país que deveria separar, a partir de então, seus destinos dos da antiga metrópole europeia” (p. 32–33).



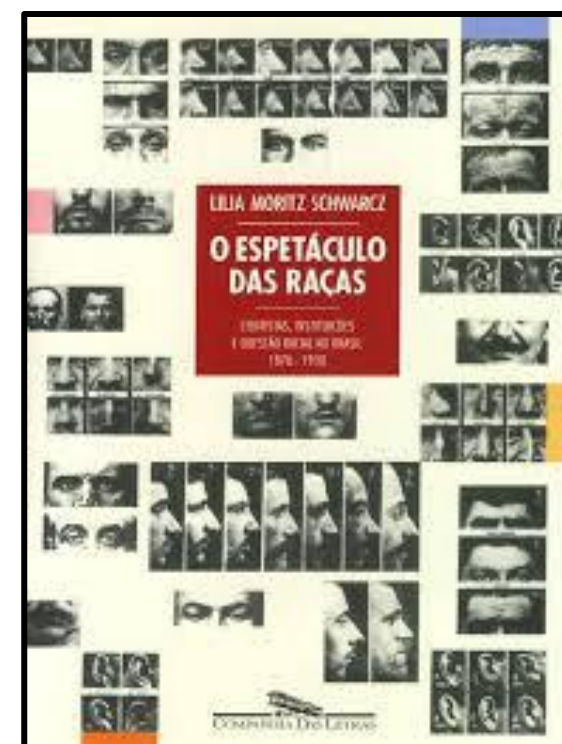
**DIG-
NIDADE**
HUMANA



**CO-
EXISTIR**
NA DIFERENÇA

MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

3) “Os mesmos modelos que explicavam o atraso brasileiro em relação ao mundo ocidental passavam a justificar novas formas de inferioridade. Negros, africanos, trabalhadores, escravos e ex-escravos - “classes perigosas” a partir de então - nas palavras de Silvio Romero transformavam-se em “objetos de ciencia” (p. 38).





MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

“Memoricídio das populações negras no Brasil: atuações das políticas coloniais do esquecimento” (2021) – Leonardo Missiato

– O trecho abaixo é referência ao texto “Memória, esquecimento, silêncio” (1989) de Michael Pollack

1) “A branquitude que enunciou as identidades ameríndias e africanas enquanto sujeitos menores dentro do continuum humano lançou os saberes e discurso da ancestralidade negra aos domínios do silêncio e do silêncio aos recônditos do esquecimento. Desse modo, o esquecimento dos saberes e memórias do povo negro não resulta de processos naturais da história humana em que partes se perdem no tempo que a tudo corrói, pelo contrário, é fruto de ações intencionais executadas pelas elites coloniais que, desde o princípio da formação desse país, agem de inúmeros modos para coibir o direito de Ser e estar das pessoas afrodescendentes na geografia dos saberes e dos territórios. Impetrado por órgãos e representantes do Estado a imposição da morte das memórias negras a partir do banimento da presença dessas pessoas na arte, filosofia, cultura, política, ciência e espaços urbanos é, não por outras razões, mas pelo próprio intento de extermínio das diferenças inferiorizadas, políticas do esquecimento” (p. 253–254)

MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

“Memoricídio das populações negras no Brasil: atuações das políticas coloniais do esquecimento” (2021) – Leonardo Missiato

2) “Conforme Walter Mignolo (2003) ,a determinação do colapso dessas histórias diz respeito ao que ele chamou de diferença colonial, espaço conflitivo em que histórias locais são soterradas pelas imposições daquelas que se fizeram universais” (p.256).

3) “Com o apagamento social da presença física e simbólica das diferenças dentro da literatura, das ciências, da filosofia, dos espaços de produção das linguagens, da lei e da justiça, das artes, da política, enfim, das zonas de prestígio e poder social, tudo foi convertido a uma única linguagem, a colonial, e por consequência as instituições, os pensamentos, as pessoas, os saberes e as condutas foram transformados em polissemia de branquitude” (p. 256–257).



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

“Memoricídio das populações negras no Brasil: atuações das políticas coloniais do esquecimento” (2021) - Leonardo Missiato

4) “Conforme Dussel(1992), a colonização foi um verdadeiro espetáculo de encobrimento do Outro. O indígena e o africano se tornaram pelas narrativas do europeu sujeitos desprovidos de complexidade, de sabedoria, de cultura, de política, de filosofia e espiritualidade” (p.257).

5) “Banidos dos circuitos acadêmicos, dos espaços políticos, das gerências empresariais e sendo constantemente tensionados às margens das sociedades, as memórias do povo ameríndio e negro foram varridas do imaginário coletivo das sociedades modernas, restando tão somente os discursos depreciativos produzidos pela branquitude hegemônica” (p. 258).

6) “impor o esquecimento é uma prática já muito bem sedimentada no país e foi determinada por grupos que ocuparam e ocupam as tradicionais posições de privilégios” (p. 258).



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

“Memoricídio das populações negras no Brasil: atuações das políticas coloniais do esquecimento” (2021) – Leonardo Missiato

7) “a produção do apagamento das memórias negras consiste em duas matrizes de silenciamento” (p. 259).

8) “O mito da democracia racial é uma dessas anedotas da burguesia de origem escravagista e colonial” (p. 259).

9) “Embora não exista uma conceituação precisa a respeito do termo memoricídio, aqui utilizo o entendimento de Fernando Báez(2010) que o define como os processos de eliminação intencional do patrimônio tangível ou intangível que representam a luta e resistência dos povos colonizados (BÁEZ, 2010). Portanto, o memoricídio é uma prática incursa nas vontades e projetos coloniais que se recusa a incorporar os bens dos povos colonizados nos espaços memoriais das sociedades (...) o memoricídio é uma política do esquecimento executada pelo poder colonial contra os povos colonizados” (p. 260).



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 5: AVALIAÇÃO

QUESTÕES DE MÚLTIPLA ESCOLHA (01) – De acordo com o conceito de “memoricídio” desenvolvido por Leandro Missiato são exemplos dessa prática no Brasil:

- a) Valorização do samba de roda do recôncavo baiano como patrimônio imaterial brasileiro.**
- b) Instituição do Museu Afro–Brasil com base no acervo de arte do curador negro Emanuel Araújo.**
- c) Apagamento histórico do Cemitério e Capela dos Aflitos em prol de uma memória nipônica, vinculada ao comércio e turismo, no bairro da Liberdade em São Paulo.**
- d) Os primeiros tombamentos de terreiros enquanto patrimônios imateriais nacionais nos anos de 1980.**
- e) Organização de coletivos negros que valorizam as culturas afro–brasileiras por todo o território nacional.**

MOMENTO 5: AVALIAÇÃO

QUESTÕES DE MÚLTIPLA ESCOLHA (02) De acordo com o texto de Von Martius, “Como se Deve Escrever a História do Brasil (1844)” qual seria a hierarquia das raças que direcionam o processo histórico brasileiro:

- a) **O negro em primeiro lugar com indígena e português em segundo plano.**
- b) **O português em primeiro plano, tutelando indígenas e negros.**
- c) **Os indígenas em primeiro lugar, por constituírem povos originários da terra.**
- d) **Os indígenas e negros em igualdade, por serem os produtores da riqueza nacional e os portugueses em segundo plano, por serem avessos ao trabalho braçal .**
- e) **As três raças se misturam e formam um todo harmonioso e mestiço que constroem o progresso da nação.**



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 5: AVALIAÇÃO

Questão Aberta

Em posse do vídeo “Ponte Salvador–Itaparica ameaça terreiros na Bahia” (2024), do Intercept Brasil e confrontando com o texto de Karl Von Martius como podemos identificar neste artigo e para quais grupos, tanto no caso do artigo como do vídeo, essas versões da história do Brasil podem estar a serviço? Aponte elementos no artigo e no vídeo para sustentar a sua argumentação.



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. Apologia da história ou ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, 159 p.

MISSIATO, LEANDRO. Memoricídio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento. Revista Memória em Rede, v. 13 n. 24 (2021): Usos do tempo, entre passado e porvir.

SCHWARCZ, Lilia. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870–1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, 287p

VON MARTIUS, Karl Friedrich Phillip. Como se deve escrever a história do Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1844. cap. 1 –5. p. 30 – 55 p.



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MÓDULO 2 : HISTÓRIA E MEMÓRIA

**TEMA: O CASO II – OUTRAS HISTÓRIAS
(HISTÓRIAS NEGRAS E INDÍGENAS)**



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



CONTEÚDOS:

- 1) Conceito de História Oral e História Oficial**
- 2) Intelectuais negros e griots**
- 3) Os xamãs e os intelectuais indígenas**



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



OBJETIVO:

Apesar de um processo de silenciamento em curso, o encontro visa apresentar outras narrativas, histórias e memórias construídas por sujeitos e sujeitas negras e indígenas que pretendem tensionar a maneira de contar a história tradicional.



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 1: ACOLHIDA

- Relembrar alguns pontos centrais do primeiro encontro, o conceito de memoricídio e história tradicional.
- Leitura de um trecho do capítulo “O apocalipse do índio”, contida no livro *São Paulo no século XX: primeira metade (2011)*, de José de Souza Martins, sobre a solidão de Maria Rosa, última indígena dos povos oti-xavantes.



DIG-
NIDADE
HUMANA



ES-
CUTA
ATIVA



CO-
EXISTIR
NA DIFERENÇA



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 2: SENSIBILIZAÇÃO

Os Griôts:

Assistir estes dois vídeos linkados em ordem para que compreendemos o papel da oralidade e destes narradores em suas comunidades.

O Griot Toumani Kouyaté canta uma história no Arte do Artista

Griot, símbolo da oralidade africana – Mwana Afrika Oficina Cultural



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 2: SENSIBILIZAÇÃO

Os Griôts

Os griots são pessoas dentro das comunidades africanas designadas por transmitir as tradições, narrativas e heranças culturais do seu povo para os mais jovens.

Site: A Ação Griot Nacional

Site: A Lei Griot



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

Abrir o link e leia com atenção a matéria da Revista Cult “Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro”, e analisar os dados contido nela. A reportagem é uma síntese de um estudo coordenado pela professora de Literatura Regina Dalcastagnè da Universidade de Brasília. A pesquisa analisou um total de **692 romances escritos por **383** autores em três períodos distintos: de **1965 a 1979**, de **1990 a 2004** e de **2005 a 2014**.**



**CO-
EXISTIR**
NA DIFERENÇA



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

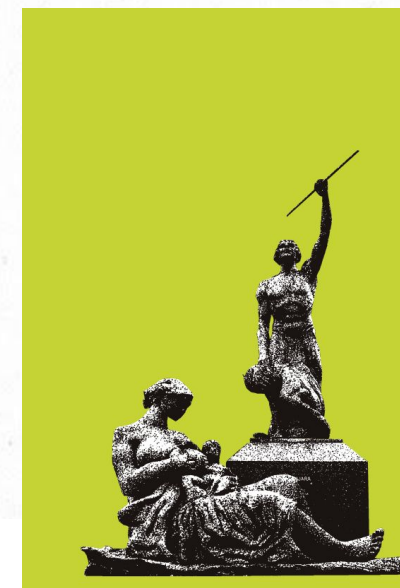
O perfil do romancista brasileiro publicado por grandes editoras se manteve o mesmo por pelo menos 43 anos. Ele é homem, branco, de classe média, nascido no eixo Rio–São Paulo. Seus narradores, protagonistas e coadjuvantes são em sua maioria homens, também brancos, de classe média, heterossexuais e moradores de grandes cidades.

MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

Agora vamos se debruçar no estudo “Patrimônio, memória e diversidade: um olhar antirracista sobre os monumentos da cidade de São Paulo. São Paulo” (2013), organizado pelo Instituto Polis que pretende traçar um perfil sobre os monumentos da capital paulista (cor, gênero, tamanho, perfil de homenageados etc...). do estudo acima focado na representatividade. O exercício é válido para entendermos que a história é construída através destes símbolos, representados por monumentos e edificações.

Este link é uma síntese negra nos monumentos.

<https://polis.org.br/estudos/presencanegra/>



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

Para este momento do encontro se debruçaremos em duas obras escritas em dois períodos distintos. O primeiro é o artigo “Os Homens de cor preta na história” (1923) de Manuel Querino e capítulo introdutório “Palavras dadas”, do livro *A queda do Céu: palavras de um xamã yanomami* (2015), de Davi Kopenawa e Bruce Albert. O primeiro texto é de autoria de um intelectual baiano afrodescendente (filho de pais libertos) que escreveu um conjunto de textos que objetivava demonstrar a contribuição dos sujeitos negros na construção da sociedade brasileira, mas com um olhar agregador e positivo e que se contrapunha as teses racialistas do início do século XX, que responsabilizava os negros pelo atraso tecnológico brasileiro. A segunda obra tensiona as fronteiras entre a ciência antropológica e a literatura, na qual biografia e história oral ou memória oral são os disparadores deste tensionamento. Kopenawa não terceiriza a etnografia do seu povo para terceiros, ao contrário, propõe contar a história dos yanomamis por dentro, propondo uma outra história indígena.



**DIG-
NIDADE**
HUMANA



**CO-
EXISTIR**
NA DIFERENÇA

MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE



**Os Homens de cor preta na História
(1923) – Manuel Querino (1851–1923)**

- Quem foi Manuel Querino?**
- O que diz este artigo?**
- Qual a importância deste tipo de produção para as memórias negras e história do Brasil?**



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



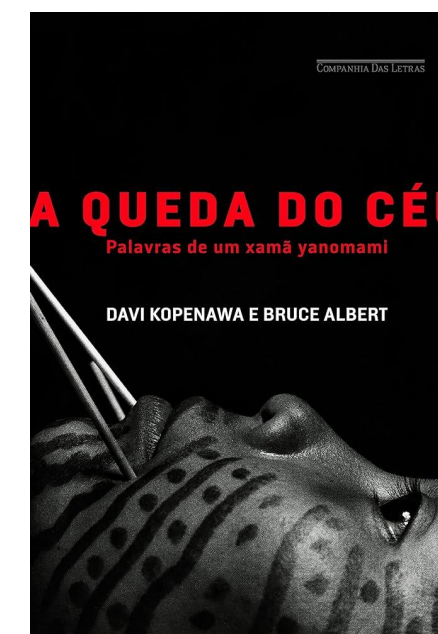
MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami (2015)– Davi Kopenawa e Bruce Albert

Capítulo Introdutório “Palavras Dadas” (p. 63–65)

“Gosto de explicar essas coisas para os brancos, para eles poderem saber”

- Qual a proposta deste livro?**
- Quem é David Kopenawa?**



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

“Então entreguei a você minhas palavras e lhe pedi para leva-las longe, para serem conhecidas pelos brancos, que não sabem nada sobre nós (...) Poucos são os brancos que escutaram nossa fala desse modo. Assim, eu lhe dei meu histórico, para você responder aos que perguntaram o que pensam os habitantes da floresta. Antigamente, nossos maiores não contavam nenhuma dessas coisas, porque sabiam que os brancos não entendiam sua língua. Por isso minha fala será algo de novo, para aqueles que quiserem escutar (p. 63-64)



DIG-
NIDADE
HUMANA



BEM-
VIVER



CO-
EXISTIR
NA DIFERENÇA



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

“Gostaria que os brancos parassem de pensar que nossa floresta é morta e que ela foi posta lá à toa. Quero fazê-los escutar a voz dos *xapiri*, que ali brincam sem parar, dançando sobre seus espelhos resplandecentes. Quem sabe assim eles queiram defende-la conosco?”
(p. 65)

“Eu não tenho livros como eles, nos quais estão desenhadas as histórias dos meus antepassados. As palavras dos *xapiri* estão gravadas no meu pensamento, no mais fundo de mim. São as palavras de Omama. São muito antigas, mas os xamãs as renovam o tempo todo.” (p. 65)

MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

- **Abdias do Nascimento (1914–2011)** – artista e senador. Fundou no Rio de Janeiro, em 1944, o Teatro Experimental do Negro (TEN), entidade que rompeu a barreira racial no teatro brasileiro.
- **Lélia Gonzales (1935–1994)**, fundadora do MNU em suas obras destaca o feminismo afro-latino americano.
- **Clóvis Moura (1925–2003)** – sociólogo, pensou o quilombo como uma espaço de resistência contra uma ordem social dominante. Se opôs a ideologia do negro como “mal cidadão”.
- **Conceição Evaristo** – Escritora e docente universitária, se dedica a uma literatura afro-brasileira, através do que ela chama de “escrevivências”, que relata as vivências e trajetórias dos afrodescendentes no Brasil.
- **Ailton Krenak** – jornalista, escritor e líder ambientalista se dedica a desenvolver uma obra em que o central são as questões ambientais e as lutas dos povos indígenas. Atualmente ocupa uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.



MOMENTO 5: AVALIAÇÃO

QUESTÕES DE MÚLTIPLA ESCOLHA (01) – Baseado nos estudos “Patrimônio, memória e diversidade: um olhar antirracista sobre os monumentos da cidade de São Paulo” (2013) e a pesquisa promovida pela professora Regina Dalcastagnè, o que não se enquadraria em uma ação política ou modo de pensar que não tensiona a representatividade hegemônica.

a) Em 1979, o grupo artístico 3Nós3, promoveu uma intervenção denominada “Ensacamento”. Nesta ação visual, o grupo ensacava monumentos na cidade de São Paulo, como protesto à vigília urbana imposta pela ditadura militar. Um dos alvos do coletivo foi o Monumento à Independência.

b) Sueli Carneiro, no artigo “Negro e negras de pele clara” (2004), adverte que os grupos racialmente privilegiados ou hegemônicos, se transmitem como diversos, mas representam o outro em imagens fixas e estereotipadas. Desta forma, podemos citar como exemplos, o monumento “Gloria imortal dos fundadores de São Paulo”, erguido em 1925, na capital paulista e a pintura “Primeira Missa no Brasil” (1860), simbolizam este modo de pensar.

c) Na 20ª edição da FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty) ocorrida no ano de 2022, o evento homenageou pela primeira vez uma autora negra, Maria Firmina dos Reis (1822–1917), demonstrando o compromisso com a diversidade racial brasileira e o incentivo para que autores e autoras negras se vejam representados neste evento e na própria literatura.



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 5: AVALIAÇÃO

d) Após os movimentos negros, indígenas, e de memória problematizarem a quantidade imensa de monumentos que simbolizam figuras ligadas à genocídios e ditadura em várias cidades brasileiras que resultaram no incêndio na estátua de Borba Gato, a Prefeitura de São Paulo, no ano de 2021, anunciou a construção de 5 esculturas que representam pessoas ilustres negras da capital, entre elas Adhemar Ferreira da Silva, Carolina de Jesus, Geraldo Filme, Itamar de Assunção e Madrinha Eunice.

e) A Fuvest, principal vestibular do país, que é um dos ingressos para adentrar nos cursos de graduação da Universidade de São Paulo (USP), renovou a sua lista de leituras obrigatórias para o certame de 2025, na qual somente serão contempladas mulheres autoras de língua portuguesa, entre elas Conceição Evaristo, Lygia Fagundes Teles e Nísia Floresta.

MOMENTO 5: AVALIAÇÃO

QUESTÕES DE MÚLTIPLA ESCOLHA (02) Leia o excerto abaixo:

“Eu não tenho velhos livros como eles, nos quais estão desenhadas as histórias dos meus antepassados. As palavras dos xapiris estão gravadas no meu pensamento, no mais fundo de mim. São as palavras de Omana. São muito antigas, mas os xamãs as renovam o tempo todo” (Kopenawa, David; Albert, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Cia das Letras, 2015 (p. 65)

Neste trecho em específico, Kopenawa fala da importância de transmitir a história do seu povo para as novas gerações e esta seria uma das funções dos xamãs yanomami. Os xamãs na cultura yanomami e os griots em algumas sociedades africanas, fazem a transmissão de saberem através de qual tipo de modelo ou experiência.

a) Através da tradição escrita em documentos e livros.

MOMENTO 5: AVALIAÇÃO

- b) Somente através de representações cênicas e ritualísticas religiosas.**
- c) Através dos atos de observação ou imitação, na qual os mais velhos fazem os gestos e as ações práticas e os mais jovens imitam ou observam, pois somente desta maneira conseguirão adquirir o conhecimento do seu povo.**
- d) Prioritariamente pela oralidade através de contação de histórias, mitos, canções e conhecimentos culturais do seu povo.**
- e) Em forma de registros em objetos cerâmicos e tecidos.**



**ENGA-
JAMENTO**
POLÍTICO



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 5: AVALIAÇÃO

Questão Aberta:

A partir das discussões mobilizadas neste encontro propomos que no território de cada cursista busque exemplos de escritos, monumentos, memórias, narrativas, ações e coletivos que se contrapõem a história hegemônica brasileira. Faça uma pequena descrição e se possível anexa imagens.



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



REFERÊNCIAS

INSTITUTO Pólis (org). Patrimônio, memória e diversidade: um olhar antirracista sobre os monumentos da cidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

KOPENAWA, David; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

MARTINS, José de Souza. São Paulo no século XX: primeira metade. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Poesis, 2011

**MASSUELA, Amanda. Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro? Revista Cult, ed. 231, 2018.
<https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>**

QUERINO, Manuel. Os homens de cor preta na História. Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Salvador, n. 48, p.353–363, 1923.



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MÓDULO 03: HISTÓRIAS DAS FAVELAS E DAS PERIFERIAS NO BRASIL

**TEMA: A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA URBANA A
PARTIR DAS FAVELAS E PERIFERIAS EM BELO
HORIZONTE, RIO DE JANEIRO E SALVADOR**



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



ESPECIALISTA: Adriano Sousa

Historiador e educador, mestre em História Social (FFLCH-USP) com a dissertação "Cotidiano e Lutas Sociais na Periferia de São Paulo: Agentes Históricos da Urbanização de São Mateus" e doutorando em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo na FAU-USP, estudando as narrativas históricas dos coletivos culturais periféricos da cidade de São Paulo. É integrante do coletivo de pesquisadores periféricos Centro de Pesquisa e Documentação Histórica (CPDOC) Guaianás, coordenador e educador popular no movimento negro Uneafro-Brasil, professor da rede municipal de ensino de São Paulo (SME-SP). É professor colaborador de *História das Periferias de São Paulo* no curso de Arquitetura e Urbanismo da Escola da Cidade (EC). É formador no Encontro USP-Escola e em cursos de difusão científica na Universidade de São Paulo. Faz parte do conselho consultivo do Arquivo Municipal de São Paulo e integra o Laboratório de Material Didático e Ensino de História (LENAD/FFLCH-USP) bem como o grupo de pesquisa Cultura, Arquitetura e Cidade na América Latina (CACAL/FAUUSP). Representa o CPDOC Guaianás na Rede de Acervos Populares e de Movimentos Sociais.





MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



CONTEÚDOS:

- Como pode ser narrada a história de uma cidade?
- Quais fontes podem ser pesquisadas para se narrar a história de uma cidade?
- Que agentes sociais constroem a cidade?



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



OBJETIVO:

O objetivo deste módulo é entender como a história das cidades pode ser narrada de um modo tradicional, direcionando por suas elites e como essa forma pode ser “reconstruída” a partir de iniciativas comunitárias e de pesquisadores que fundamentam suas pesquisas e experiências museológicas a partir do “ser periférico” e “ser favelado” nas periferias de Belo Horizonte, Salvador e Rio de Janeiro. No caso da cidade de São Paulo, iremos abordar como algumas pesquisadoras e pesquisadores periféricos articulam essas possibilidades em seus trabalhos de mestrado e doutorado.



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 1: ACOLHIDA

- **Retomada: formas de se narrar a história do Brasil: história tradicional, democracia racial, intelectuais negros e indígenas;**
- **Histórias das cidades brasileiras: reformas urbanas, cartões postais e lugares de poder;**
- **Histórias urbanas construídas a partir das favelas e periferias**



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 2: SENSIBILIZAÇÃO

Como se materializam os olhares favelados e periféricos na construção da história de uma cidade?

Centro Cultural UFMG – Muquifu: um museu pra teimar e resistir – Mauro Luiz da Silva



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 2: SENSIBILIZAÇÃO

Como se materializam os olhares favelados e periféricos na construção da história de uma cidade

MAST Colloquia

Museu da Maré



MAST Colloquia - Museu da Mare



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 2: SENSIBILIZAÇÃO

Como se materializam os olhares favelados e periféricos na construção da história de uma cidade.

Brasil Criativo.DOC

Economia Criativa do

Brasil | Acervo da Laje

(Patrimônio e Artes)



Brasil Criativo.DOC : Economia Criativa do Brasil | Acervo da Laje (Patrimônio e Artes)



Rede Brasil Criativo
1,29 mil inscritos

Inscrição

210



Compartilhar



Download



MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

Quem são os agentes históricos da construção de uma cidade? De quais aspectos da cidade falamos?

Ulpiano Meneses. O Museu na Cidade: A Cidade no Museu. 1984.

p. 199.

A cidade como forma, como lugar de forças sociais, como imagem

Qual realidade? Qual cidade? A cidade dos antepassados, dos heróis fundadores e outros heróis (e dos vilões), dos donos do poder, de ontem e de hoje? Ou, conforme a fonte de informação, a cidade dos eruditos e dos historiadores, dos poetas oficiais, dos urbanistas, planejadores e tecnocratas? Dos habitantes? Quais? Do homem da rua e daquele que, com suas mãos a constrói, simples instrumento?



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

Temporalidades das Morfologias das Cidades

[Nas cidades] a rede viária é mais duradoura que o loteamento. Os lotes [...] resistem mais tempo que os imóveis neles construídos. Os vazios resistem mais que os cheios, e as estruturas menos materiais duram mais que o construído: reconhecem-se na planta os vestígios dos antigos vilarejos fagocitados pelo crescimento urbano ou os velhos bairros medievais. Na escala das grandes intervenções do urbanismo, mas também na das mil pequenas mutações que modificam o tecido urbano, os tempos da cidade são fortemente demarcados. Nada indica que eles se ajustem continuamente à conjuntura econômica, às variações de população, às mudanças de hábitos citadinos. [...] A cidade não dissocia: ao contrário, faz convergirem, num mesmo tempo, os fragmentos de espaço e os hábitos vindos de outros momentos do passado. Ela cruza a mudança mais difusa e mais contínua dos comportamentos citadinos com os ritmos mais sincopados da evolução de certas formas produzidas. A complexidade é imensa. LEPETIT, Bernanrd. É Possível Uma Hermenêutica Urbana. In: SALGUEIRO, Heliana (Org.). Por Uma Nova História Urbana. pp. 175;177.

MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

Anais da Câmara Municipal (São Paulo)

Indicamos ao executivo a necessidade de ser apedregulhada e nivelada a Estrada do Rio das Pedras em toda a sua extensão [...] Trata-se de uma estrada que liga as vilas Carrão, Nova Manchester, Aricanduva, etc à Cidade São Mateus que se encontra em franco desenvolvimento. Se não for tomada tal providência, os ônibus que servem à Cidade São Mateus não poderão trafegar em dia de chuva. (Indicação nº 2212-53 de Tarcílio Bernardo. ATAS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 1953: 25)

MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

Cartografias da cidade

Nós distinguimos assim a leitura dos mapas dos cânones da crítica cartográfica tradicional e de seu rosário de oposições binárias entre mapas “ verdadeiros e falsos”, “exatos e inexatos”, “objetivos e subjetivos”, “literais e simbólicos”, baseados na “integridade científica” ou marcados por uma “ deformação ideológica “. Os mapas nunca são imagens isentas de juízo de valor e, salvo no sentido euclidiano mais estrito, eles não são por eles mesmos nem verdadeiros nem falsos. Pela seletividade de seu conteúdo e por seus símbolos e estilos de representação, os mapas são um meio de imaginar, articular e estruturar o mundo dos homens.

HARLEY, Brian. Mapa, Saber e Poder, 2009, p. 02

MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

Cartografias da cidade

Planta da Cidade de São Paulo.

Light and Power Co, 1943.

Histórico Demográfico do

Município de São Paulo



MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

Literatura e História das Cidades

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos , almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de Despejo: diário de uma favelada, p. 33.



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

Historia Oral

Portelli aborda a história oral como um processo no qual o diálogo entre entrevistador e colaborador cria sentidos atuais sobre experiências vividas no passado, nas quais os interesses e sensibilidades de ambos interferem no produto final da fala. Importa mais o sentido que a memória possui do que o quanto ela comprova fatos passados que “realmente aconteceram”. (O Que Faz a História Oral Diferente, 1997)

MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

Com quais fontes de informação, objetos e vestígios da vida social o Muquifu constrói a sua história da cidade?

Objetos, ligamos, principalmente, ao universe do trabalho doméstico e do cotidiano no Morro do Papagaio/Alomerado Santa Lucia

No caso da exposição "Presente de Patroa":

Em sua maioria, são objetos domésticos, tais como canecas, moringa, cinzeiro, quadros, luminárias, entre outros enfeites para casa. Tais itens chegaram ao Museu pelas moradoras do Morro do Papagaio que são ou foram empregadas domésticas, cada qual com uma narrativa específica. (COAN, Samanta, 2021)



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

Com quais fontes de informação, objetos e vestígios da vida social o Muquifu constrói a sua história da cidade?

História Oral - método de reconstituição das temporalidades vividas pelos moradores e evidenciadas pelos objetos

MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

Com quais fontes de informação, objetos e vestígios da vida social o Muquifu constrói a sua história da cidade?

Exposição Doméstica – Da Escravidão à Extinção, 2019 / Exposição “Presente de Patroa”, 2019. Fonte: COEN, Samanta, 2021

Figura 1: Instalação Doméstica: da escravidão à extinção - área externa e interna



Fonte: arquivo pessoal, 2016

Figura 1: Exposição *Presente de Patroa*, inaugurada dia 27 de abril de 2018.



Fonte: Arquivo do Muquifu (2019)



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

Com quais fontes de informação, objetos e vestígios da vida social o Museu da Maré constrói a sua história da cidade?

Fotografias

Objetos doados pelos moradores

Acervo do Arquivo Dona Orosina Vieira (ADOV)

MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

Com quais fontes de informação, objetos e vestígios da vida social o Museu da Maré constrói a sua história da cidade?

Exposição de longa duração



Fotos: ADOV

A exposição “Os 12 tempos da Maré” do Museu da Maré, assim chamada em contraposição à ideia dos museus monumentais, adota o tempo cíclico e temático como referência: a água, a feira, a casa, o medo, a fé são algumas das formas de contagem desse tempo no qual o passado, o presente é o futuro se encontram. Ao todo são doze tempos, ressignificando o tempo cronológico, que tem neste número uma especial referência, pois são doze as horas do relógio e os meses do ano.

O eixo central do museu é a casa, razão de ser da luta que fez surgir a Maré. Os objetos vão sendo integrados à exposição, na medida em que os próprios moradores vão definindo o que é importante para ser exposto. A exposição tem como diferenciais o farto material fotográfico e presença da comunidade expressa nos objetos e nos ambientes que formam o museu.

É por isso que além de contar a história, valorizar a cultura local e suas múltiplas formas de identidade, e propor uma reflexão que perpassa a ideia do tempo, o museu é um lugar onde as pessoas se encontram e talvez por isso a experiência de visitá-lo se converta em emoção, como atestam alguns moradores que deixaram suas impressões no livro de visitas.

Articulação entre fotografias e objetos:
exposição Maré em 12 Tempos. Fonte:
<https://www.museumare.org/oquefazemos>.



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

Com quais fontes de informação, objetos e vestígios da vida social o Museu da Maré constrói a sua história da cidade?

Arquivo Dona Orosina Vieira (ADOV)

O Arquivo Dona Orosina Vieira (ADOV) foi inaugurado no dia 26 de abril de 2002, com o objetivo de reunir, registrar, divulgar e preservar a história e a memória dos moradores da Maré. O nome do arquivo é uma homenagem a Dona Orosina Vieira, mulher negra, migrante de Ubá, Minas Gerais, que veio para o Morro do Timbau, a comunidade mais antiga da Maré, na década de 1940. Ela nasceu no final do século XIX e faleceu no ano de 1994, com aproximadamente 102 anos de idade. Era benzedeira, rezadeira e parteira.

O acervo do ADOV é muito diverso. Nele encontram-se livros, trabalhos acadêmicos, jornais, revistas, filmes, dvd's, vhs's, fitas cassetes, mini dvs, fotografias, negativos, slides, panfletos, folders, cartazes, banners, mapas, plantas, documentos nato digitais relativos aos eventos do Museu da Maré, além de documentos pessoais doados por moradores.

Fonte: <https://www.museumare.org/arquivo>



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

Com quais fontes de informação, objetos e vestígios da vida social o Acervo da Laje constrói a sua história da cidade?

Fotografias, pinturas e esculturas produzidas pelos moradores do subúrbio ferroviário de Salvador

Hemeroteca Coleta de Omolú (Centro de Documentação Acervo da Laje: Um Arquivo

Lúdico às Margens de Salvador)

MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

Com quais fontes de informação, objetos e vestígios da vida social o Acervo da Laje constrói a sua história da cidade?



Coleção Otávio Bahia

A aquisição das peças da coleção do artista Otávio Francisco dos Santos - Otávio Bahia, do bairro da fazenda Coutos, aconteceu pouco depois da morte do artista, sendo realizada em 2010, através de compras no Mercado Modelo em diferentes lojas. Destacam-se as peças do "Capoeirista" e do "Homem tocando tambor" por possuírem craqui em arquivo e guarda na instituição, cedidos pelo filho do artista, além de serem as últimas produzidas por Otávio. "Escultor de máscaras africanas, de homens e mulheres negras na melhor tradição milenar das esculturas dos povos africanos, Otávio Bahia morreu sem o reconhecimento merecido, isto é, nem o retorno financeiro e da crítica sobre o seu trabalho." (José Eduardo F. Santos). Dessa forma, esta coleção é um exemplar rico e único de esculturas e máscaras. José Eduardo afirma também que "Há imagens, máscaras e esculturas que mostram a materialidade, os Orixás, homens e mulheres negras, sereias, enfim, uma miríade de temas que remontam à ancestralidade africana presente no território suburbano, baiano e brasileiro."

DATA LEVANTAMENTO DE DADOS:
Recolhidos em 15 de outubro.

FONTE: Depolimento Oral de José Eduardo F. Santos -
Curador Responsável pelo Acervo da Laje

Coleção Otávio Bahia. Fonte:
<https://www.acervodalaje.com.br/cole%C3%A7%C3%A3o-otavio-bahia>

MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

Com quais fontes de informação, objetos e vestígios da vida social o Acervo da Laje constrói a sua história da cidade?



Acervo da Laje	Artistas	Alagados e Novos Alagados
Bairros	Parque São Bartolomeu - Floresta do Urubu	Subúrbio
Transporte		

Fonte: Hemeroteca Digital Acervo da Laje: <https://www.acervodalaje.com.br/hemeroteca-coleta-de-omolu>.



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

A Observação Histórica. Mach Bloch. A Apologia da História ou o Ofício do Historiador, p. 69. 1944

O historiador, por definição, está na impossibilidade de ele próprio constatar os fatos que estuda. Nenhum egiptólogo viu Ramsés; nenhum especialista das guerras napoleônicas ouviu o canhão de Austerlitz. Das eras que nos precederam, só poderíamos falar segundo testemunhas. Estamos a esse respeito, na situação de um investigador que se esforça para reconstituir um crime ao qual não assistiu; do físico, que, retido no quarto pela gripe, só conhecesse os resultados de suas experiências graças aos relatórios de um funcionário de laboratório. Em suma, em contraste com o conhecimento do presente, o do passado seria necessariamente "indireto".

MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

NEGROS EM GUAIANASES: CULTURA E MEMÓRIA



Matéria: Negros em Guaianases



Manos e Minas
215 mil inscritos

Inscriver-se

160



Compartilhar





MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

No final do século XIX, especificamente no ano de 1875, a instituição da igreja católica reafirma sua posição no bairro com a fundação de mais uma paróquia, a igreja de Santa Quitéria, que acompanhou um paulatino aumento populacional impulsionado pela chegada de um dos grandes ícones do progresso: as estradas de ferro. Em 6 de novembro do mesmo ano, os trilhos chegam ao bairro, instalados pela linha de Estradas de Ferro do Norte, fundando a estação Lajeado.

Sheila Alice da Silva, 2019. p. 102–103



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

Mesmo com os registros de nascimento expondo um bairro compartilhado demograficamente, a história popularizada entre os habitantes ainda é a que se encontra representada em fontes produzidas por personalidades regionais, composta por imagens que alocam os imigrantes na posição de protagonistas de um processo de desbravamento num território inóspito, marcado por matagais e morros, sem infraestrutura ou qualquer benefício governamental como salienta Castilho (2007). Sheila Alice da Silva, 2019, p. 138.



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

O ano de 1950 nos traz um aumento progressivo dos registros de nascimento no bairro, como também o aumento do número de recém-nascidos declarados pretos ou pardos. Nesse ano, somando 100 nascimentos registrados, os grupos negros perfazem um total de 23,81% das declarações, o maior índice entre os anos analisados.

SILVA, Sheila Alice Gomes da. p. 107



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

1950 – Profissões e os valores exigidos pelo Registro Raça/Cor
Quantidade

Branços	320	76,19%
Pardos	71	16,91%
Pretos	29	6,90%
Total	420	100%

SILVA, Sheila Alice Gomes da. p 107



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA

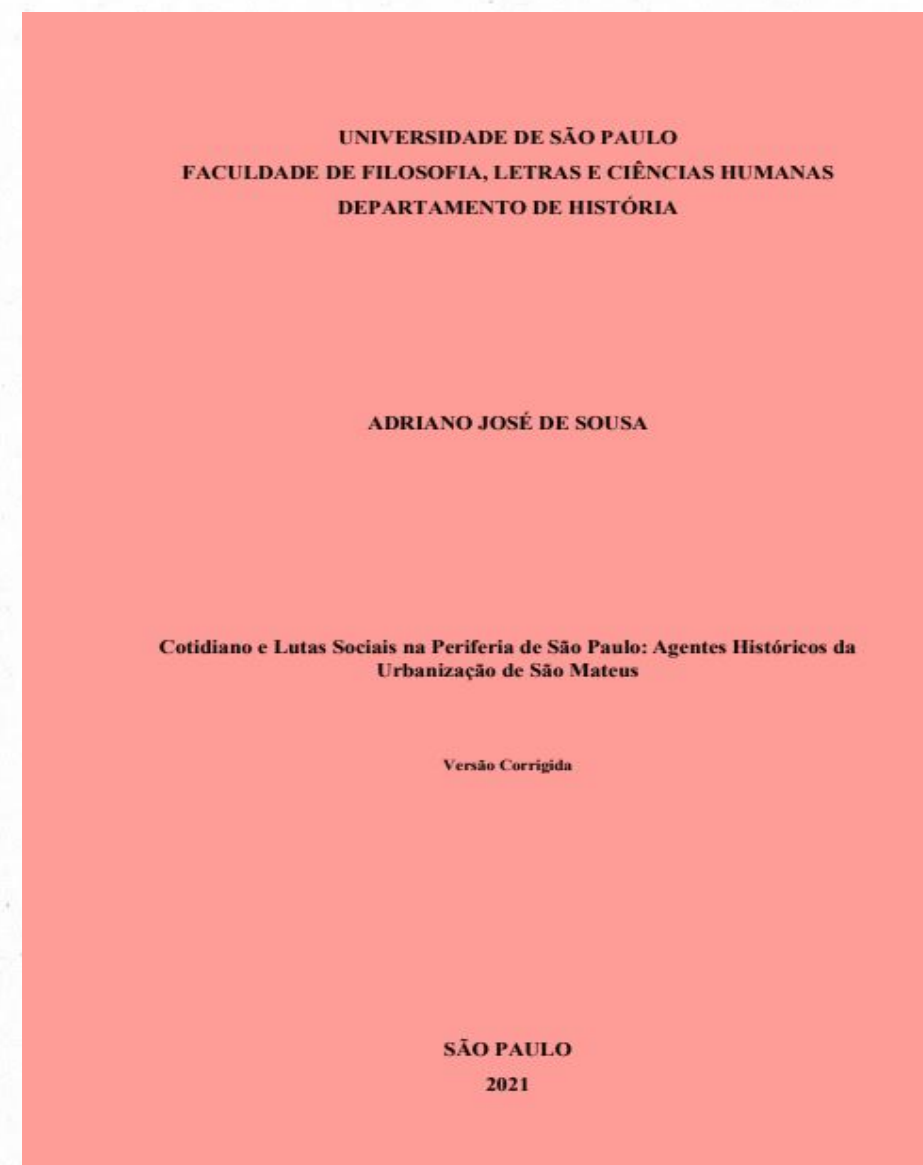
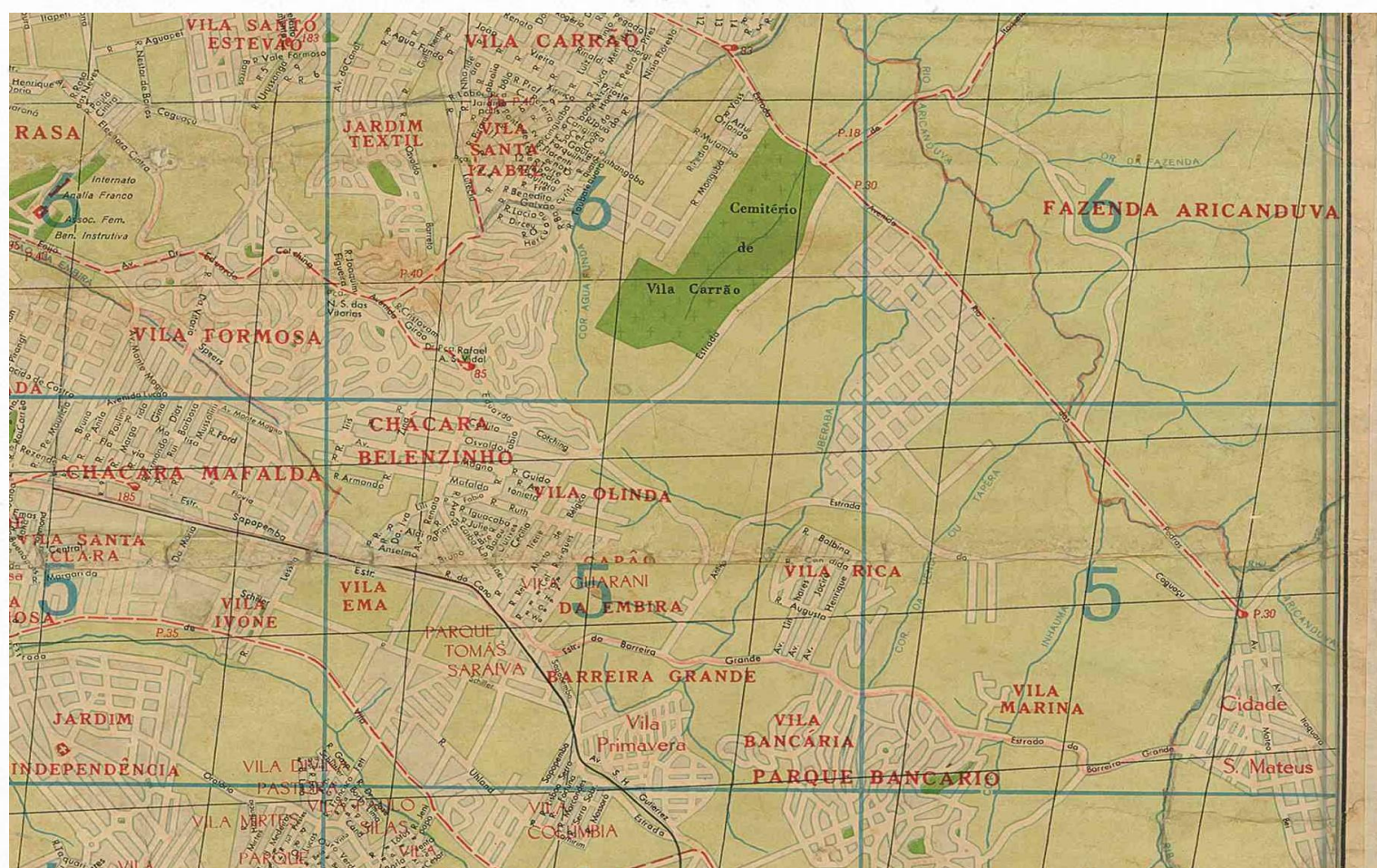


MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

A narrativa de dona Penha nos revela um papel de liderança cultural, que foi assumido também por algumas mulheres negras ligadas ao samba paulistano. Figuras femininas que assumiram papéis protagonistas nas redes de sociabilidade constituídas nos movimentos musicais e no universo cultural negro como cita Azevedo (2015). A mesma mulher negra, comumente representada pela figura da subalternidade, o objeto a ser consumido, a serviçal, como diz Gonçalves (2006) apropria-se de funções vitais para o grupo e comunidade.

A gente, por cantar ali, sofremos muito racismo, principalmente por parte da dona do depósito que fica do lado da árvore. Ela acha que as folhas que caem em seu telhado ou dentro do seu comércio atrapalham. Ela chamava os pais de família de vagabundo, brigava com todo mundo. Mas a gente contornou. E suas flores são amarela, aí fica tudinho amarelinha, e quando a gente tá ali debaixo cantando o samba, dá aquela ventania e as pétala cai tudo em cima da gente. Aquele muro, também, atrás da árvore, era pintado, tinha os desenhos atrás das mesas, dos instrumentos, a sombra, mas aí veio aquela lei da Prefeitura e tivemos que apagar tudo. Mas agora nós vamos fazer de novo porque agora parece que pode.

(DEPOIMENTO DE DONA PENHA) GOMES DA SILVA, Sheila Alice. p. 175–176



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

A gente não tem depósito de lixo por aqui em São Mateus né? Agora as árvores eu sinto falta, você que mora no Boa, ainda vê árvores por ali. Do lado de baixo, onde era o Tabor... [...] Quando você toma condução, que você pega o comecinho da Aricanduva ainda tem dos dois lados, você lembra um pouco do interior. [...] Essa área aqui era tudo árvore quando a gente mudou para cá. O vilarejo só vinha até o Largo. Do Largo pra cá era tudo mato. Caminhava-se um bocado para chegar até o Ester, aí você via algumas casas sendo feitas no Ester, mas os arvoredos ainda continuavam.

Agora você não vê mais, só casa, casa, casa.

Tia Cida dos Terreiros, 13.05.2017.



Diário Popular. 20.08.1985.

Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo

MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE



A ideia que resultou na lei que transformou aquilo [área florestal entre São Mateus e Itaquera] em APA surgiu em uma discussão no Tabor. Ali tinha um núcleo em que a gente se reunia. Fizemos um processo de discussão e levamos para a Assembleia Legislativa. Para você ter uma ideia, nós trouxemos o finado Aziz Ab Saber para discutir essa questão ambiental aqui em São Mateus, para discutir a geologia de São Mateus. A estrutura geológica, a situação daquela região.

Aldo Leite da Silva. 13.05.2017

MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE



Inspirada pela escritora e poetiza Carolina Maria de Jesus, que em seus “achados de lixo” selecionava *letras* que retratavam histórias de povos invisíveis da sociedade paulistana rica e excludente, a pesquisadora recolheu os “guardados dos entrevistados”. Os escritos de Carolina Maria de Jesus mesclam arte com provérbios populares. São como navalha, cortam na carne e na alma, gritam e ecoam noite e dia. São denúncias e anúncio da necessidade de se afirmar como memória pública na sociedade brasileira. O estudo buscou nesses “guardados” registros de valores, sofrimentos e alegrias que foram inseridos no texto na condição de imagens. [...]

A história é contada pelos interlocutores e entrelaçada pela pesquisadora, na esteira da linha do tempo, vivência essa maturada pelo fazer em busca da conquista da terra e autoconstrução das moradias. A presença da pesquisadora como uma das testemunhas de significativo tempo da história resgata e atribui condições de confiança para tecer e entrelaçar fios de memórias dispersos em cantos e recantos em relatos dos moradores da Fazenda da Juta/SP.



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

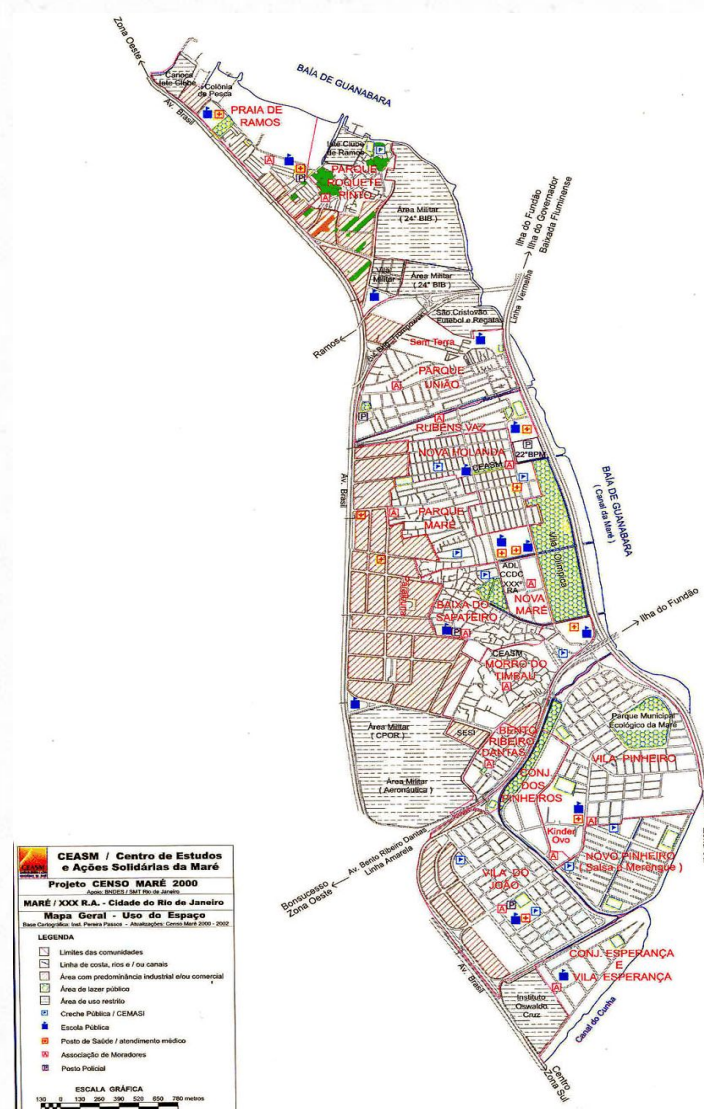
Chá de Memória – Vozes em Mutirão

Maria Cícera Teixeira continua: ***"Os homens ficavam escondidos dentro das casas ou em pé, encostado na enxada, só olhando! E as muié ripava viu. Foi nós que fez! Foi as muié que fez viu? Não foi home não!"***. Essa declaração teve o poder de despertar entre as demais companheiras um grande burburinho, todas concordando com o relato de Cícera. **O debate levou à centralidade da questão de gênero, impulsionado pela perspectiva do empoderamento que perpassa a luta coletiva; que ganha confiança para expressar suas próprias opiniões, pensamentos e decisões ; que conquistam seu espaço no mutirão; que conquistam a titularidade das casas; do convencimento do merecido respeito pelo trabalho realizado; da legitimidade e do direito de escolher em que campo da luta se deve focar; e da decisão sobre os rumos de suas vidas.**

FERREIRA, Deocleciana, 2017, p. 150.

MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

Museu da Maré Territórios e Ideias



Mapa Geral da
Maré: Uso do
Espaço (2000).
Acervo do Arquivo
Dona Orozina Vieira



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

O Museu da Maré é inaugurado em maio de 2006 e segundo Mário Chagas: e Regina Abreu:

É ferramenta de comunicação idealizada e gerida pelo grupo de moradores que, anos antes, haviam criado a experiência da TV Maré, trabalhando com vídeos comunitários, gravando depoimentos de moradores a partir de uma metodologia de história oral, para exibição em praça pública e posterior discussão com os próprios espectadores da comunidade. [...] O Museu desafia a lógica de acumulação de bens culturais e da valorização de narrativas monumentais, na medida em que afirma como seu núcleo de interesse principal, a vida social dos moradores da Maré e os processos de comunicação para dentro e para fora da favela. ABREU, Regina e CHAGAS, Mario. A Maré em 12 Tempos, p. 34



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

Museu da Maré – Territórios e Ideias
Os 12 Tempos

Tempo da Água

Tempo de Migração

Tempo da Casa

Tempo do Trabalho e da Resistência

Tempo da Festa

Tempo da Feira

Tempo do Cotidiano

Tempo da Fé

Tempo da Criança

Tempo do Medo

Tempo do Futuro



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

Museu da Maré – Territórios e Ideias – Tempo da Fé

No Tempo da Fé, o destaque são o barco e a imagem de São Pedro – santo padroeiro dos pescadores – presentes nas antigas procissões marítimas, realizadas na região, antes dos aterros. Os dois objetos foram doados pela família Jaqueta, que exercia a atividade da pesca. Eles estão entre o Tempo da Fé e o Tempo da Festa, por representarem, ao mesmo tempo, a devoção ao santo e a sua comemoração do seu dia, em 29 de junho.

RIBEIRO, Claudia Rose. A Maré em 12 Tempos, p. 43.

MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE



Acervo da Laje
Territórios e Ideias



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

Acervo da Laje – Territórios e Ideias

Em 1939, impulsionados pela descoberta do petróleo na área do Lobato, antigo cabritos, iniciou a favela sobre palafitas denominada Alagados e também com a deterioração do Sobrado do Coronel, no caminho da Areia. Na década de 1970, com a abertura da Avenida Afrânio Peixoto, conhecida como Suburbana, cortando a área da Calçada até Paripe (trajeto que a linha férrea inaugurou em 1860) suas margens foram povoadas por moradores de todas as regiões do interior do Estado da Bahia. Pelos anos 1970 surgiram os bairros dormitório, como Escada, Rio Sena e mesmo uma parte de Plataforma, com suas casas pré-moldadas, que foi objeto de estudo de Milton Santos e seus alunos. Na década de 1970 surge Novos Alagados, com pessoas que tiveram que sair das áreas por onde passaria a Avenida Suburbana e foram habitar sobre as águas na Enseada do Cabirto. Na década de 1980, novas invasões e favelas surgem, apagando cada vez mais os sinais da história, e ao mesmo tempo criando uma nova história a partir de uma nova e diversificada população.

SANTOS, Ferreira, Jose Eduardo. Acervo da Laje: Memória Estética e Artística do Subúrbio Ferroviário de Savador, Bahia. p. 20–21.



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



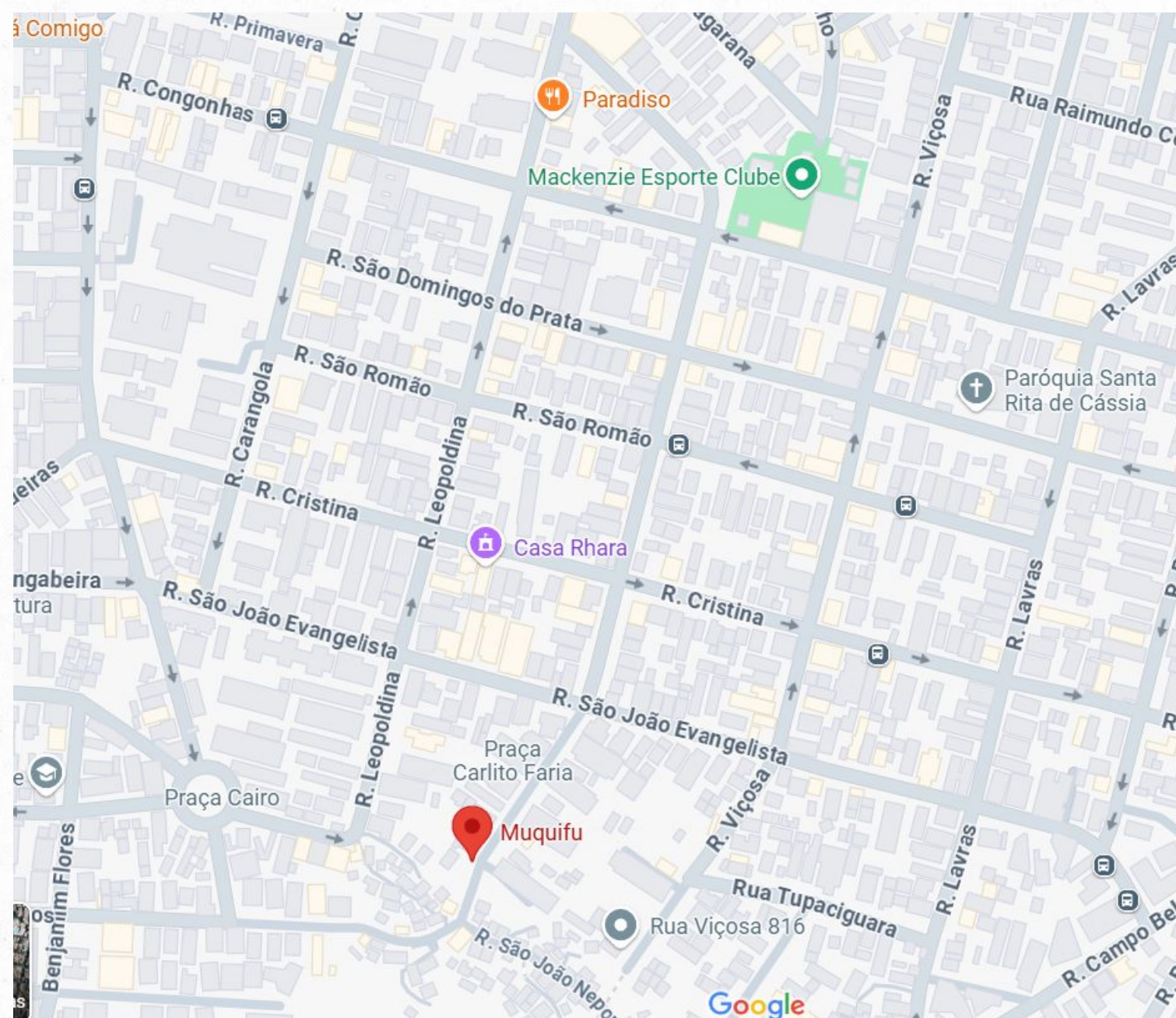
MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

Acervo da Laje – Territórios e Ideias

Quando comecei a pensar no Acervo da Laje a minha percepção era essa, a de que era necessário um lugar físico para registrar essa genealogia do subúrbio ferroviário de Salvador, com tudo de melhor e mais significativo ou mais prosaico fosse possível encontrar, preservar e divulgar: cultura, obras artísticas, históricas, culturais, livros, recortes de jornais, sementes, conchas, vídeos, documentários, etc., pois a história se faz com todos os registros possíveis. O Acervo da Laje tem essa função, pois a história é um mosaico. E todo mosaico precisa de um ponto estável para se conectar .

SANTOS, Ferreira, Jose Eduardo. Acervo da Laje: Memória Estética e Artística do Subúrbio Ferroviário de Savador, Bahia. p. 21–22.

MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE



Muquifu - Territórios e Ideias



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

Muquifu – Territórios e Ideias

O Museu de Quilombos e Favelas Urbanos (Muquifu) surgiu em 2012, a partir de forças sociais e culturais mobilizadas no Morro do Papagaio nas décadas de 1990 e 2010 pela Juventude Unida da Barragem, pela Comissão de Direitos Humanos, pelos membros da Paróquia Nossa Senhora do Morro, pelo Projeto Caminhada pela Paz, pelo Quilombo do Papagaio e por moradores engajados nas problemáticas do tempo presente. O Museu realiza exposições com temáticas relacionadas ao acervo de problemas da comunidade, organiza ações educativas e eventos culturais e, do mesmo modo, expõe objetos que narram as memórias e as histórias de moradores das vilas que compõem o Aglomerado Santa Lúcia.

SILVA, Mauro Luiz. Habemus Muquifu, 2018.



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

Muquifu – Territórios e Ideias – Caixa de Congo e Moçambique no Acervo do Muquifu. BRAGA, Jesulino. Museus, Práticas Museais e Comunidades, 2021. p. 55.

A Caixa foi doada ao museu e hoje está em exposição junto com outros objetos que representam as práticas de devoção ancestral brasileira. Quando entrou no processo de musealização, a caixa foi colocada fora do alcance dos visitantes para que pudesse ser preservada. Em 2018, com a realização de uma festa de reinado na comunidade, local onde se situa a sede do museu, a caixa foi retirada da exposição retornando para a função na qual fora criada, ou seja, dar ritmo aos cantos e danças do congado.

A partir desse contexto, procuramos analisar, aqui, como se dá as formas de extroversão do sagrado no Muquifu, partindo do pressuposto que os projetos expográficos são negociados entre as equipes dos museus e os sujeitos que partilham experiências culturais representativas dos grupos que compõe a comunidade. A especificidade dos museus de comunidade está justamente na conciliação entre os interesses dos grupos que a representa e as funções destas instituições na sociedade.



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

Muquifu – Territórios e Ideias – Caixa de Congo e Moçambique no Acervo do Muquifu. BRAGA, Jesulino. Museus, Práticas Museais e Comunidades, 2021. p. 55.

Com a entrada da artesanaria no museu, os curadores resolveram colocá-la na relação com outros objetos no cenário que compõe a exposição “Uma Rainha na Favela”. estava afixada em uma parede alta, intencionalmente distante dos visitantes mais afoitos que, por algum acaso, decidissem tocar o instrumento. A exposição é uma homenagem às rainhas negras das guardas de Congado, moradoras das vilas e favelas, dentre elas Dona Maria Marta da Silva Martins (78 anos) que, por vários anos, fez parte da Guarda de Marujos de Nossa Senhora do Rosário e São Cosme e São Damião no Morro do Papagaio, onde foi coroada Rainha Perpétua de Santa Efigênia, juntamente com seu esposo, já falecido, Sr. Expedito, Rei Congo de São Benedito. O casal real saía em cortejo pelas ruas e becos do Aglomerado Santa Lúcia (ASL), sempre seguidos por sua Guarda de Congado (músicos e dançantes).

MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

Muquifu – Territórios e Ideias – Caixa de Congo e Moçambique no Acervo do Muquifu

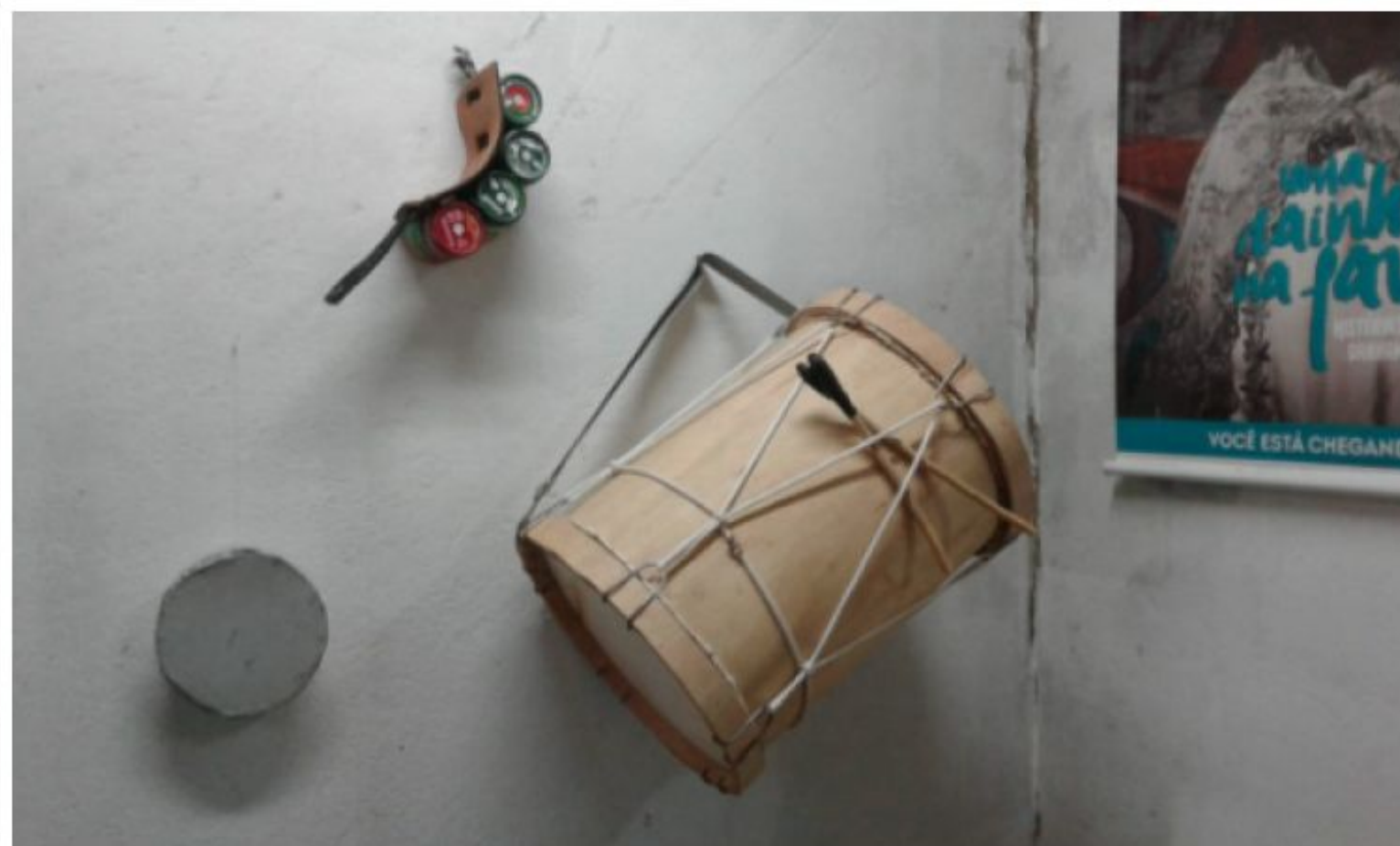


Foto: Cleiton Gos, 2019.



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 5: AVALIAÇÃO

A avaliação será constituída de três questões, sendo duas de múltipla escolha, e uma questão aberta, na qual traremos experiências dos educandos para o centro da elaboração.

1. Sobre os museus comunitários de favelas e periferias é correto afirmar que:

- a) Pensam a história das cidades a partir das experiências de suas elites política e econômica**
- b) São construídos dentro das universidades públicas**
- c) Possuem, cada um deles, um único curador, sempre alguém que é oriundo de outra comunidade, localizada em bairro central da cidade**
- d) Privilegiam as fontes históricas de acervos públicos, privados e das universidades**
- e) Mantém proximidade com as comunidades das quais fazem parte, procurando documentar as vivências de seus moradores a partir dos objetos e vestígios do seu cotidiano**



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 5: AVALIAÇÃO

2. Qual dos museus abaixo, tem como centralidade de seu acervo, a produção artística dos moradores da comunidade onde foi criado?

a) Museu da Mare

b) Muquifu

c) Museu Nacional

d) Museu do Ipiranga

e) Acervo da Laje



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 5: AVALIAÇÃO

Questão Aberta: em sua cidade, vila ou povoado, há alguma experiência na qual os próprios moradores constituem algum acervo? Há alguma semelhança com os museus aqui apresentados nas suas formas de ação?

Caso não haja esse tipo de experiência, que trabalhos existem? Em que diferem do panorama apresentado neste módulo?



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



REFERÊNCIAS

ACERVO DA LAJE. <<https://www.acervodalaje.com.br/>> Acesso em: 24 fev.2021.

COAN, Samantha; SILVA, Mauro Luiz; BRAGA, Jezulino Mendes. Museus, Práticas Museais e Comunidades. Belo Horizonte: Muquifu, 2021.

FERREIRA, José Eduardo. Acervo da Laje: Memória Estética e Artística do Subúrbio Ferroviário de Salvador, Bahia. São Paulo: Scortecci, 2014.

FERREIRA, Deocleciana; Fazenda da Juta: Uma Trilha Entre o Rural e o Urbano - trajetória de luta e resistência no assentamento de um povo. São Paulo: Coritiba: CRV, 2021.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *In: Projeto História.* São Paulo: PUC-SP, n. 10, 1993.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. O Museu na Cidade x A Cidade no Museu: Para Uma Abordagem Histórica dos Museus de Cidade. *In: Revista Brasileira de História.* São Paulo: Anpuh, v. 5, n. 8/9, set.1984/abr.1985, p.197-205.

MUSEU DA MARÉ. <https://www.museumare.org/>. Acesso em 30.03.2025.

MUQUIFU. <https://www.instagram.com/muquifu/>

PORTELLI, Alessandro. História Oral Como Arte da Escuta: São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SILVA, Sheila Alice da. Negros em Guaianases: Cultura e Memória. São Paulo: EDUC, 2019.

SOUSA, Adriano José de. Cotidiano e Lutas Sociais na Periferia de São Paulo: Agentes Históricos da Urbanização de São Mateus. 303 p. Dissertação de Mestrado (História Social). São Paulo: FFLCH-USP, 2021.

SCIFONI, Simone. O Patrimônio Desigual: Cidade, Memória e a Classe Trabalhadora. São Paulo FFLCH-USP (Tese de Livre Docência), 2022.

VIEIRA, Antonio Carlos Pinto; SILVA, Claudia Rose Ribeiro; OLIVEIRA, Luiz Antonio. Maré em 12 Tempos. Rio de Janeiro: CEASM/Espirógrafo, 2020.



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MÓDULO 4: HISTÓRIAS DAS PERIFERIAS DE SÃO PAULO

**TEMA: COLETIVOS DE CULTURA DE SÃO PAULO:
A HISTÓRIA DA CIDADE DA PERIFERIA PARA O
CENTRO**



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



CONTEÚDOS:

- Como atuam os museus e arquivos da cidade e que histórias de São Paulo influenciam?
- O que é patrimônio e quais são os patrimônios históricos da cidade de São Paulo?
- Quais são os patrimônios, memórias e histórias das periferias de São Paulo?



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



OBJETIVO:

O objetivo deste módulo é entender como a história da cidade de São Paulo pode ser narrada de um modo tradicional, formulado e direcionado por suas elites (cafeeira e industrial, principalmente) e como essa forma pode ser reconstruída por coletivos da periferia da cidade que questionam, por meio de suas pesquisas históricas, práticas artísticas, e atividades de educação patrimonial e museológicas, as formas de viver e narrar a história da cidade que desconsideram suas periferias e seus agentes históricos – população negra, classe trabalhadora, mulheres e indígenas.



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 1: ACOLHIDA

- **Retomada: museus comunitários em Salvador, Rio de Janeiro e Belo Horizonte;**
- **Museu da Cidade de São Paulo;**
- **Historiografia das Periferias de São Paulo**
- **Coletivos de Memória Social e Patrimônio Histórico na cidade de São Paulo**



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 2: SENSIBILIZAÇÃO

**Produção de Coletivos Culturais de Memória Social e
Patrimônio Histórico na Década de 2010**

CPDOC Guaianás – Histórias do Meu Bairro (2020)



Histórias do Meu Bairro - Rosana Aparecida Leal (Cidade Tiradentes) Entrevista 11

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=AwLJb9Fozxk>



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 2: SENSIBILIZAÇÃO

**Produção de Coletivos Culturais de Memória Social e Patrimônio Histórico na
Década de 2010**

Centro de Memória Queixadas História Oral/Wilma Bernardo (2020)



Link:

<https://www.youtube.com/watch?v=6uIQZirOIUU&list=PLd2n1ermy4GZ5ID9KcJ0norED0Px5wMIN>



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 2: SENSIBILIZAÇÃO

Produção de Coletivos Culturais de Memória Social e Patrimônio Histórico na Década de 2010

Nos Trilhos – Quem (Me) Mora o Bairro (2021)



EP 1 - Quem [me] mora no bairro? - Luzia Dias Xavier

Coletivo nos Trilhos
83 subscribers

Subscribe

41



Share

Save



Link: <https://www.youtube.com/watch?v=AwLJb9Fozxk>



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 2: SENSIBILIZAÇÃO

Mapa da Cidade de São Paulo – Divisão por Subprefeituras





MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

Quais Podem ser os Museus e Acervos de Cidade?

Ulpiano Meneses. O Museu na Cidade: A Cidade no Museu. 1984. p. 201.

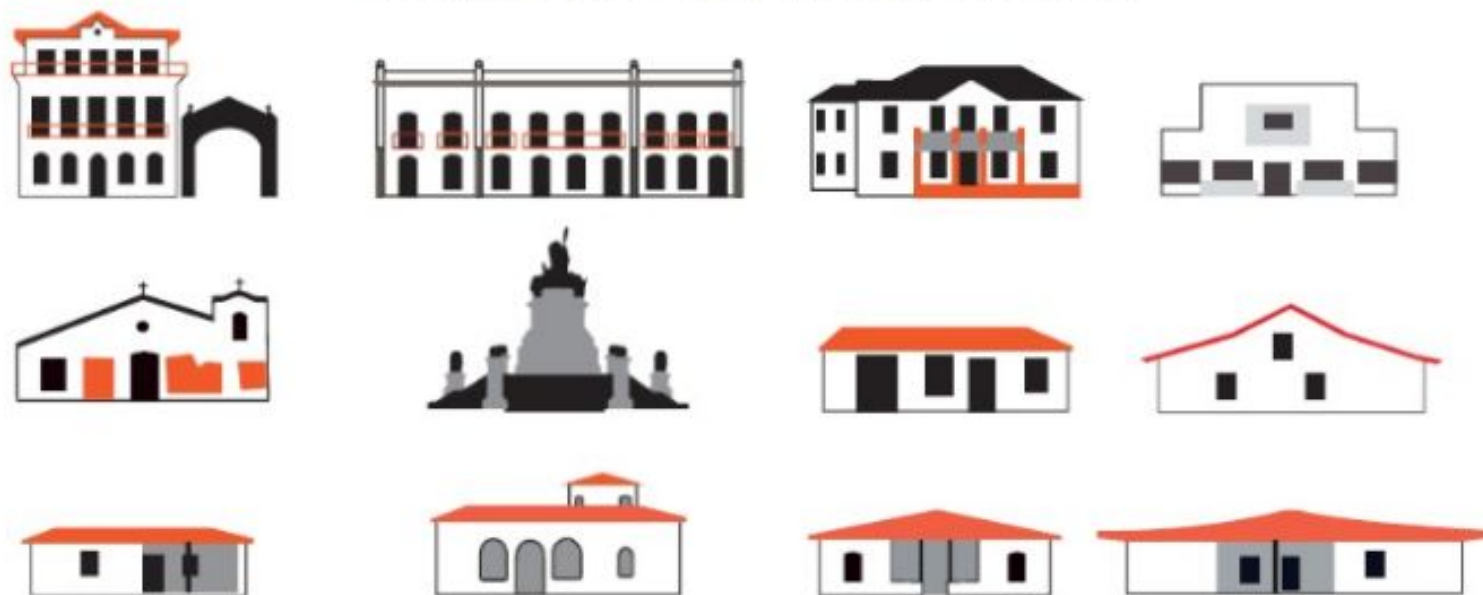
Além desse acervo institucional, museológico no sentido estrito do termo, também viriam a constituir matéria-prima desse museu certos espaços, paisagens, estruturas, monumentos, equipamentos — enfim, áreas e objetos sensíveis do tecido urbano, socialmente apropriados, percebidos não só na sua carga documental, mas na sua capacidade de alimentar as representações urbanas. Assim, o território urbano que, concebido nestes termos, corresponderia à noção de *patrimônio ambiental urbano*,¹² passa a ser não só o campo de atuação do museu, mas ingrediente de sua ação, incorporando-se, portanto, ao seu *acervo operacional*. Ter-se-ia, por consequência, aquele museu “*éclaté*” de que fala Hugues de Varine-Bohan,¹³ o museu que rompe suas limitações institucionais, a noção notarial e burocrática de seu acervo, para abarcar um território e uma comunidade, em que os habitantes, além de visitantes, assumem também a condição de *agentes*.

MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

Museu da Cidade de São Paulo

Fonte: Museu da Cidade de São Paulo. <https://www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br/>

Unidades do Museu da Cidade de São Paulo

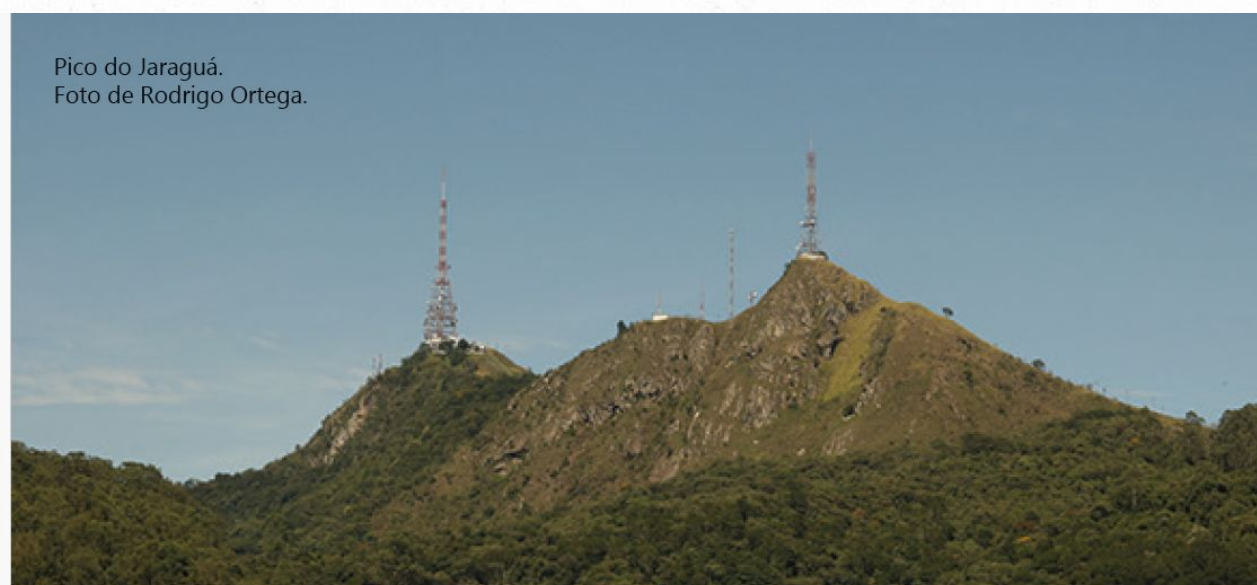


Casa da Imagem
Beco do Pinto
Solar da Marquesa de Santos
Chácara Lane
Casa Modernista
Capela do Morumbi
Cripta Imperial

Casa do Grito
Casa do Tatuapé
Sítio da Ressaca
Sítio Morrinhos
Casa do Bandeirante/ Butantã
Casa do Sertanista/ Caxingui

MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

NOS TRILHOS. Revista Jaraguá: Forjado em Ouro, Taipa e Asfalto, 2021



Pico do Jaraguá.
Foto de Rodrigo Ortega.

Ouro - escritos sobre a história do Jaraguá e de seu povo

Escrito por Vanessa Gonçalves.

Ao iniciar o processo de pesquisa sobre o Jaraguá, o bairro em que nossas famílias se instalaram entre as décadas de 1950, 1970, 1980 e 1990, notamos que a história do bairro se confunde com a história do país, pelo menos, de certo modo com a aquela que é dita “oficial” do país e que, certamente, deixam de lado grande parte da história, principalmente, no que se refere ao seu povo, seja pela falta de documentos, escritos ou mesmo pela falta de interesse de quem produzia até então o registro do que consideramos a história.

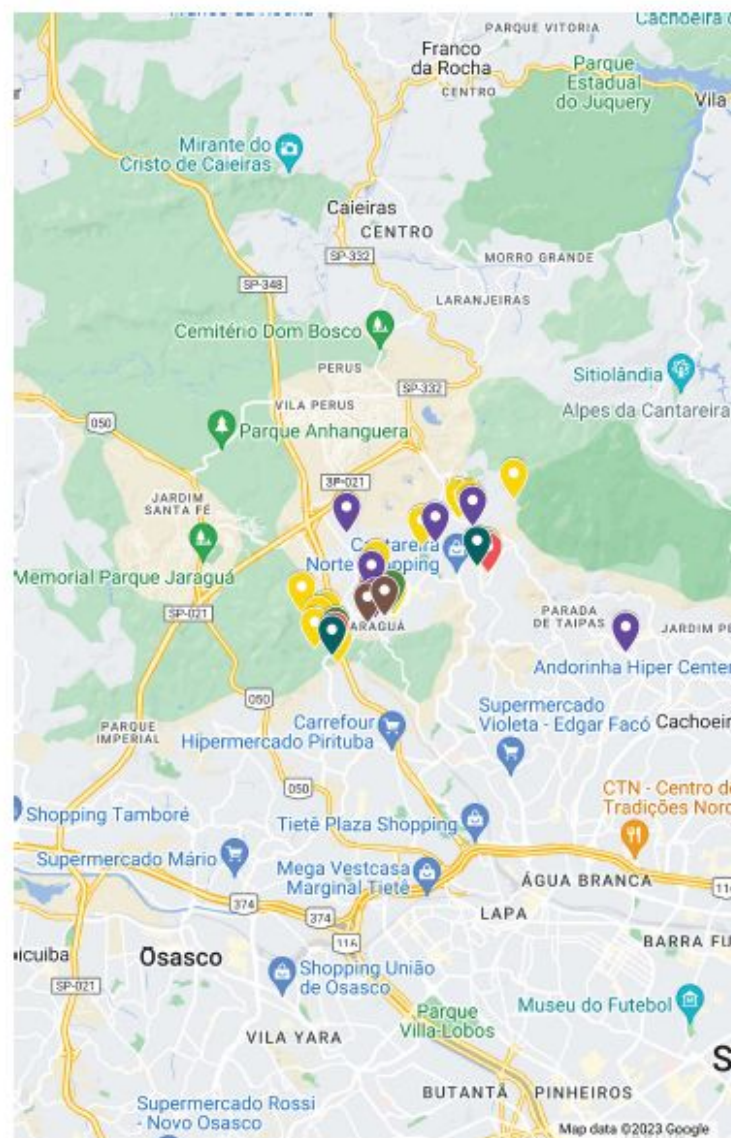


MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

CARTOGRAFIA AFETIVA DO JARAGUÁ

Mapeamento em 14 de maio de 2021

- Parque Estadual Jaraguá
- Trilha do Pai Zé
- Trilha da Bica
- Trilha do Silêncio
- Parque Ecológico Yary Ty (CETY) e Memorial da Cultura Guarani
- Quadra de Bocha
- Parque Pinheirinho d'Água
- Biblioteca Pública Erico Veríssimo
- Espaço Libertário Fofão
- Rock'n Bar
- Coreto de Taipas
- Taipas Clube
- Escola de Samba Só vou se você for
- Quilombo da Parada
- Estação Jaraguá
- Casa da Família Azembuja e Antiga Hospedaria do Jaraguá
- Galeria Henrique Manzo - Galeria Narcisa
- Aldeias Guarani
- Morro do Querosene
- Cohab Taipas
- UBS Aldeia Jaragua Kwaray Djekupe
- Hospital Geral de Taipas



- Escola Estadual Professor
Walfredo Arantes Caldas
- Escola Estadual Ana Siqueira
da Silva
- E.E. Vicente de Paula Dale
Coutinho
- EMEF Padre Leonel Franca
- EMEF VICENTE DE PAULO
DALE COUTINHO, GEN.
- EMEF HENRIQUE RAYMUNDO
DYOTT FONTENELLE, BRIG.
- CEU EMEI Pêra Marmelo
- Igreja Nossa Senhora da
Conceição
- Santuário Mãe, Rainha e
Vencedora Três Vezes
Admirável de Schoenstatt

Mapeia por meio do relato de moradores e moradoras alguns equipamentos, espaços culturais, educacionais e de memória públicos e independentes do Jaraquá.

Ação realizada pelo Coletivo Nos Trilhos, em 14 de maio de 2021, por meio de videochamada como parte das atividades do projeto "Forjado em ouro, taipa e asfalto - reescrevendo histórias e memórias do Jaraguá". Este projeto foi contemplado pelo Programa VAI em 2020.

MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

Centro de Memória Queixadas



MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

Centro de Memória Queixadas – Peruspédia

Vila Triângulo, Vila Portland e Vila Fábrica

Miniatura



Datas-limite
s.d.

Local de origem
São Paulo - SP

Sobre

Os operários da Fábrica de Cimento vinham de distintas regiões. Muitas famílias de migrantes e imigrantes chegaram a Perus por conta das oportunidades de trabalho.

A indústria, como outras da época, oferecia alguns benefícios para os operários, como moradia com água, esgoto e energia elétrica, a um preço simbólico. O valor era descontado na folha de pagamento.

Assim nasceram as primeiras vilas operárias do bairro, todas no perímetro da fábrica: Vila Triângulo, Vila Portland e Vila Fábrica. Também havia um alojamento para os operários solteiros e as casas da Administração.

Na Vila Portland viviam os funcionários com melhores cargos e maior grau de qualificação técnica. Já a Vila Triângulo, era endereço dos operários que lidavam diretamente com a produção do cimento. No entanto, essas Vilas não eram suficientes para abrigar grande parte dos trabalhadores que, com o tempo, foram viver em lotes que compunham antigas fazendas do bairro, dando origem a outras vilas, como a Hungareza e a Operária. Dentro do complexo da Fábrica havia escola, restaurante, igreja, clubes e campo de futebol.

Referências utilizadas no texto "Sobre"

Jéssica Aparecida Moreira André, Larissa Gould de Assis, Queixadas – Por trás dos 7 anos de greve, São Paulo, FAPCOM, 2013 | Natalia de Almeida, Perus e a transformação do Espaço na Metrópole Paulista, Monografia (Geografia) - Instituto de Ciências da Natureza, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, 2011, 26 fls. | Débora Gubeissi Dias dos Santos, O Patrimônio Industrial e Operário da Companhia Brasileira de Cimento Portland Perus, Monografia (Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018, 155 fls.

Nome utilizado nos documentos do CMQ

Vila Portland; Vila Fábrica; Vila Triângulo

Outras formas de nome para este mesmo verbete

Vila Operária Triângulo

Documentos de Coleções e Fundos

CMQ PERI 00022 | CMQ PERI 00035 | CMQ PERI 00053 | CMQ PERI 00009 | CMQ PERI 00011 | CMQ PERI 00014 | CMQ PERI 00023 | CQM FILM 00016

Lugares Relacionados

Vila Fábrica | Vila Portland | Vila Triângulo

Assuntos Relacionados

Industrialização > Fábrica de Cimento | Urbanismo

Autor(es) e Data de Produção/Atualização

AUTOR(A)/REVISORA

Sheila Moreira

DATA DE PRODUÇÃO/REVISÃO

09/02/2021



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

Centro de Memória Queixadas – Acervo

BASE DE DADOS

A base de dados do CMQ é composta por:

Hemeroteca – Coleção de materiais publicados na imprensa sobre o bairro do Perus. Boa parte deste material encontra-se apenas como referência, contudo disponibilizamos o endereço eletrônico ou físico, para acesso aos documentos. Vale lembrar que a Biblioteca Municipal José Soró/ Padre José de Anchieta, onde nos instalamos, possui acesso à jornais do Estado de São Paulo, possibilitando a visualização dessa documentação no CMQ.

Filmoteca – Coleção de vídeos e filmes sobre Perus e o Movimento Queixada.. Boa parte deles encontra-se em plataformas gratuitas na internet e estão referenciados em nossa base de dados.

Bibliografia – Coleção de livros, artigos, teses e dissertações sobre o bairro de Perus ou que sirvam de referência para a temática do CMQ. Temos cópias digitais, físicas e alguns originais que podem ser consultados no local.

Coleções e Arquivos Pessoais ou Coletivos – conjuntos de documentos reunidos pelo CMQ ou por pessoas do bairro. Como exemplo, podemos citar a Coleção de Rogério Corrêa e de Wilma Bernardo, além do Arquivo de Sebastião Silva de Souza (Tião).

Nem todos os documentos estão disponíveis online, a base de dados é para indicar aos interessados o que possuímos e a organização dos documentos. Assim, se você se interessou por alguma coisa, mas ela não está online, mande um e-mail para documentacao.cmq@gmail.com com o Código de Referência e te ajudaremos.

Fonte: <https://cmqueixadas.com.br/acervo/>

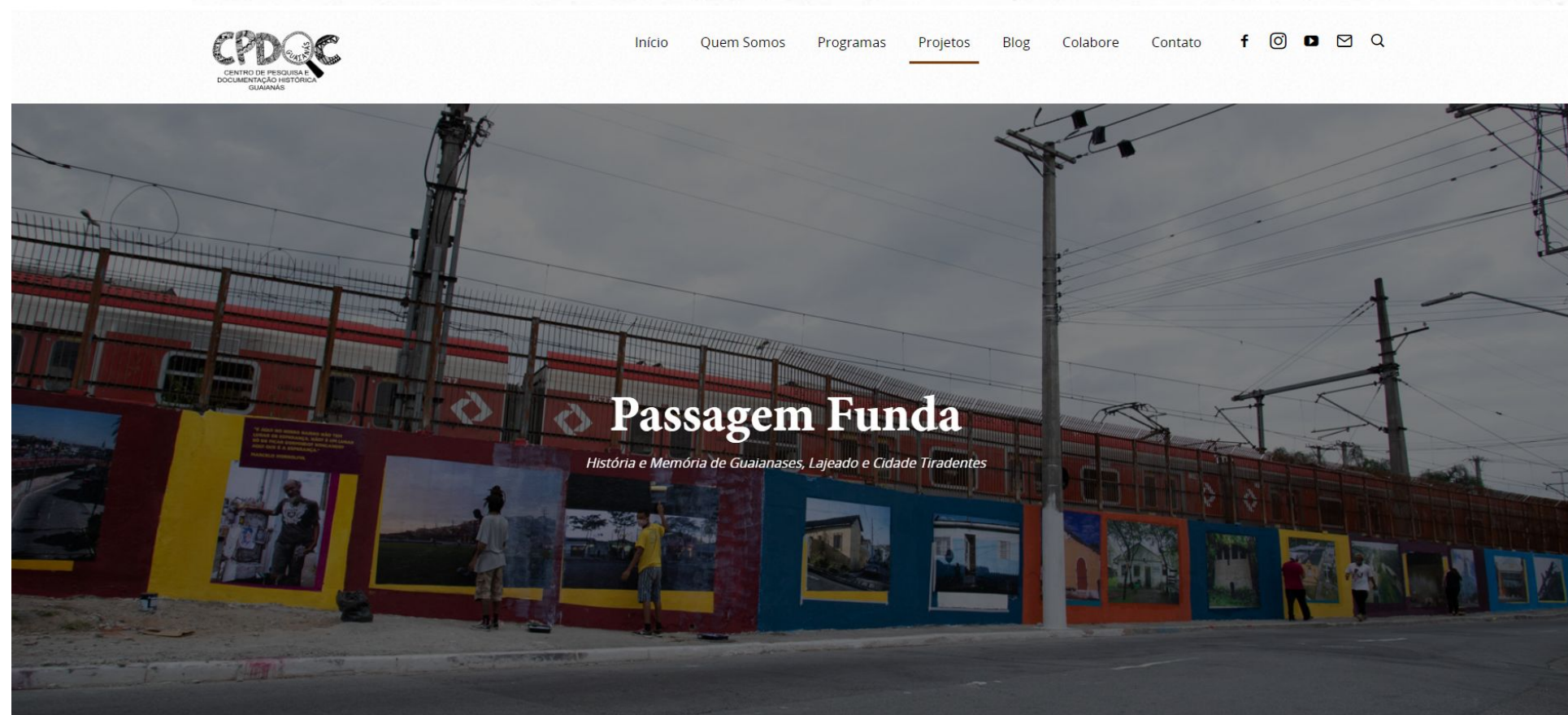


MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

Centro de Pesquisa e Documentação Histórica Guaianás (CPDOC Guaianás) – Exposição Passagem Funda





MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 3: PROBLEMATIZAÇÃO

Centro de Pesquisa e Documentação Histórica Guaianás (CPDOC Guaianás) – Roteiros Históricos (Jornadas Fotográficas)



Link: <https://padlet.com/cpdocguaianas/jornada-do-patrim-nio-2024-mem-rias-do-lajeado-e-guaianases-hyg9svkzznzxw41k>



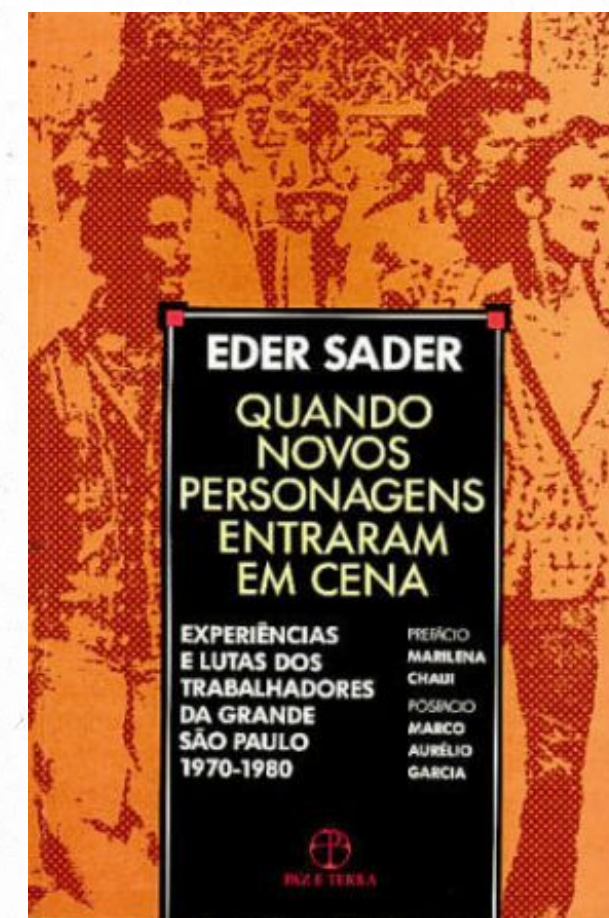
MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

**Eder Sader. Quando Novos Personagens Entraram em Cena:
Prefeiras e Movimentos Populares nos anos de 1970–1980**

**Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), Novo Sindicalismo,
Esquerda Marxista**





MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

Mapa das Periferias de São Paulo –

Movimento Cultural das Periferias. Por Aluizio Marino. Fonte: Contribuições para o entendimento do Conceito de Sujeitas e Sujeitos Periféricos. Tiaraju Pablo D'Andrea, 2021



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

Tiarajú Pablo D'Andrea afirma que a periferia, a partir dos anos de 1990, "torna-se o local da classe trabalhadora sem trabalho" ou como conceito, a "tentativa desesperada de dar unidade quando a classe estava se esfacelando". Fruto da análise do processo de desindustrialização e aprofundamento do neoliberalismo e desemprego estrutural deste período, esta síntese do sociólogo pode ser utilizada para entendermos que classe é essa que se forma *a partir dos territórios periféricos da cidade de São Paulo*. D'ANDREA, Pablo, Tiaraju. Formação das Sujeitas e Sujeitos Periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo. São Paulo: Dandara Editora, 2022. p. 197.





MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE GEOGRAFIA HUMANA

SILVIA LOPES RAIMUNDO

Território, Cultura e Política: Movimento Cultural das Periferias,
Resistência e Cidade Desejada

Versão corrigida

São Paulo
2017

**Silvia Lopes Raimundo – Movimento
Cultural das Periferias**

Coletivos contra hegemônicos

Política cultural territorializada

Projeto de cidade

MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

**Memória e História - MENEZES, Ulpiano. História Cativa da Memória.
p. 10. 1992**

A caracterização mais corrente da memória é como mecanismo de registro e retenção, depósito de informações, conhecimento, experiências. Daí com facilidade se passa para os produtos objetivos desse mecanismo. A memória aparece, então, como algo concreto, definido, cuja produção e acabamento se realizaram no passado e que cumpre transportar para o presente. Diz-se, também, que a memória corre o risco de se desgastar, como um objeto friável submetido a uma ação abrasiva; por isso é que precisa não só ser preservada, mas restaurada na sua integridade original. E também se deixa aprisionar pelo esquecimento, pela ocultação, enreda-se em caminhos que não conduzem ao presente; portanto, tem que ser resgatada: como a criança que caiu num poço e não consegue subir à superfície sem o auxílio providencial dos bombeiros. Ou como as lembranças traumáticas que, reprimidas, produzem material patogênico, capaz, todavia, de ser neutralizado na cura psicanalítica, por sua remoção, estrato por estrato, até a luz do dia tal como o arqueólogo desenterra os objetos retidos no solo.(1)



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

Memória e História – Ulpiano Meneses. História Cativa da Memória. p. 22. 1992.

Memória/História

De todo o exposto até aqui evidencia-se como imprópria qualquer coincidência entre memória e História. A memória, como construção social, é formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional. Não se confunde com a História, que é forma intelectual de conhecimento, operação cognitiva. A memória, ao invés, é operação ideológica, processo psico-social de representação de si próprio, que reorganiza simbolicamente o universo das pessoas, das coisas, imagens e relações, pelas legitimações que produz.(44) A memória fornece quadros de orientação, de assimilação do novo, códigos para classificação e para o intercâmbio social. Nessa perspectiva, o estudo da memória ganharia muito se fosse conduzido no domínio das *representações sociais* problemática na qual a Psicologia Social tem investido consideravelmente, nos últimos anos, procurando parâmetros e instrumentos metodológicos para análises de gênese, operações, produtos e funções.(45)



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

**NORA, Pierre. Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares. 1993.
p. 07.**

Conceito de Lugares de Memória

Lugares onde a memória se cristaliza e se refugia

**O sentimento de memória torna-se residual aos lugares porque não há mais meios de
memória**



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

Patrimônio Cultural na Constituição de 1988

Artigo 216: Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Parágrafo 1º – O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação e de outras formas de acautelamento e preservação. Parágrafo 4º – Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

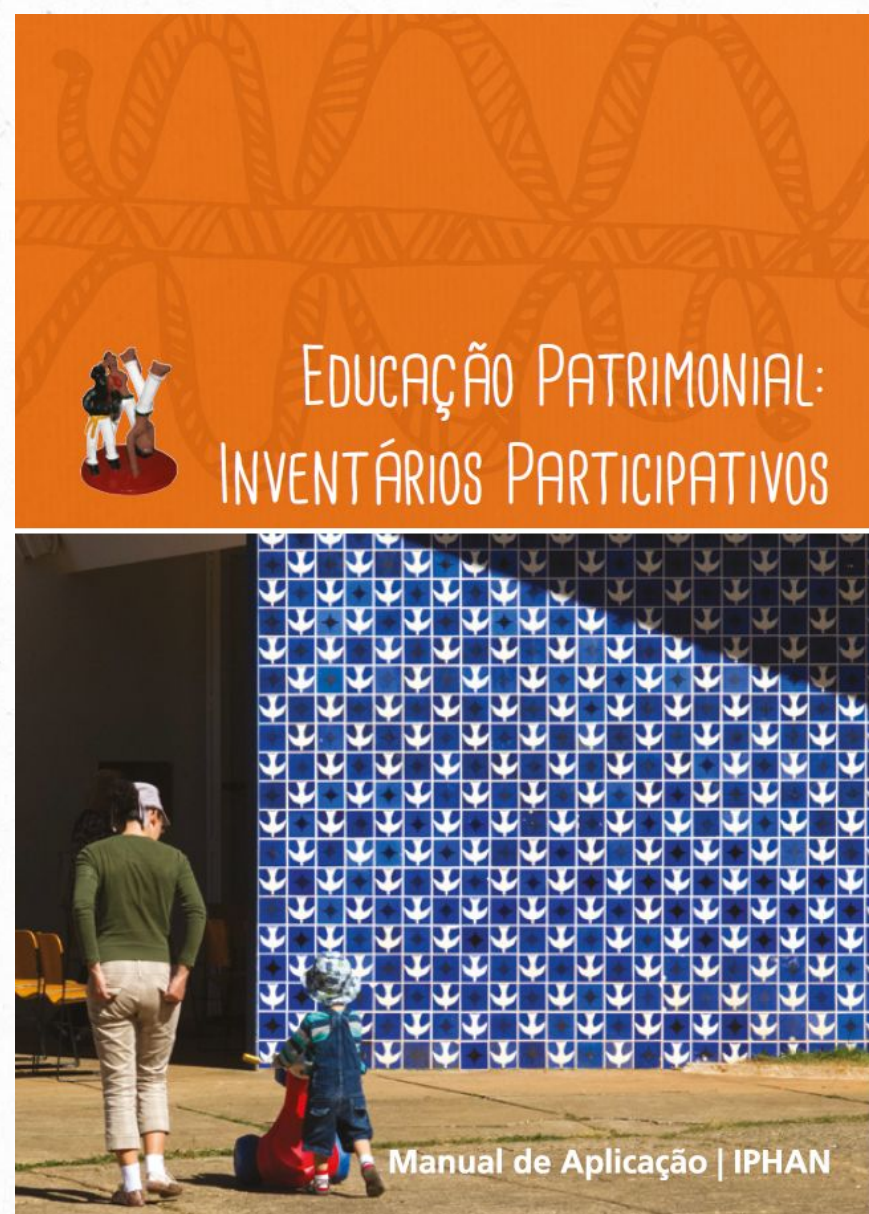
Constituição Federal de 1988.

MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE



O patrimônio cultural forma-se a partir de referências culturais que estão muito presentes na história de um grupo e que foram transmitidas entre várias gerações. Ou seja, são referências que ligam as pessoas aos seus pais, aos seus avós e àqueles que viveram muito tempo antes delas. São as referências que se quer transmitir às próximas gerações. Entre os elementos que constituem a cultura de um lugar, alguns podem ser considerados patrimônio cultural. São elementos tão importantes para o grupo que adquirem o valor de um bem – um bem cultural – e é por meio deles que o grupo se vê e quer ser reconhecido pelos outros. IPHAN. Educação Patrimonial: Inventários Participativos. p. 07.

MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE



O inventário é composto por:

Ficha do Projeto

Ficha do Território

Fichas das Categorias (Lugares, Objetos, Celebrações, Forma de Expressão e Saberes)

Ficha das Fontes Pesquisadas

Ficha do Relatório de Imagem

Ficha do Roteiro de Entrevista

IPHAN. Educação Patrimonial: Inventários Participativos. p. 07.



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

O PATRIMÔNIO DESIGUAL

Cidade, memória e a classe trabalhadora

Texto de sistematização crítica da produção acadêmica
Concurso Público de Livre Docência

Área: Geografia Urbana
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

Candidata: Simone Scifoni
2022

“Assim, os lugares da memória operária constituem-se a partir desses novos conteúdos da urbanização na metrópole, que transformam as práticas socioespaciais antes profundamente marcadas pela indústria. Constituem-se no momento de passagem de uma prática socioespacial fundamentada na produção material, para outra experiência de vida urbana, agora calcada essencialmente no consumo que fundamenta a construção de nova identidade do lugar.”

SCIFONI, Simone. O Patrimônio Desigual: Cidade, Memória e a Classe Trabalhadora. (Tese de Livre Docência em Geografia Humana) São Paulo: FFLCH-USP p. 208.



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 4: TEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

Como Memória Social, Patrimônio e Lugares de Memória nas periferias podem ajudar a construir novas possibilidades de cidade e bem viver nelas ?



**BEM-
VIVER**



**ENGA-
JAMENTO
POLÍTICO**



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 5: AVALIAÇÃO

A avaliação será composta de três questões, sendo duas de múltipla escolha, e uma questão aberta, na qual traremos experiências dos educandos para o centro da elaboração.

1 Sobre os coletivos periféricos de patrimônio e memória de São Paulo, é possível afirmar que:

- a) Aderem às narrativas do progresso paulistano capitaneado por bandeirantes, cafeicultores e industriais**
- b) Valorizam somente os monumentos históricos presentes no centro expandido da cidade**
- c) Pensam a história da cidade somente a partir de seu período colonial**
- d) Colocam em primeiro plano o protagonismo das classes trabalhadores, populações negras e indígenas na construção da cidade**
- e) Valorizam somente a contribuição de migrantes espanhóis e italianos para a cidade de São Paulo**



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 5: AVALIAÇÃO

2. O Coletivo CPDOC Guaianás e o Centro de Memória Queixadas pensam, respectivamente, as memórias dos trabalhadores dos seguintes espaços produtivos de seus territórios:

a) Pedreira do Lajeado e Fábrica de Cimento Portland Perus

b) Cotonifício Crespi e Casa da Fazenda Santa Etelvina

c) Volkswagen e Fábrica Vulcão

d) Indústrias Cisper e Comuna Irmã Alberta

e) Parque Industrial São Lourenço e Polo



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



MOMENTO 5: AVALIAÇÃO

Questão Aberta: como você enxergava as histórias das periferias da cidade antes de cursar este módulo e o que mudou em sua percepção desses processos históricos após nossos encontros de formação?



MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA



REFERÊNCIAS

CENTRO DE MEMÓRIA QUEIXADAS SEBASTIÃO SILVA. <https://cmqueixadas.com.br/a-peruspedia/>. Acesso em 25 Jan 2025.

CHAUI Marilena & FENELON, Dea (Org). O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/DPH, 1992.

CPDOC GUAIANÁS. < <https://cpdocguaianas.com.br> >. Acesso em 08 jul. 2021.

D'ANDREA, Pablo, Tiaraju. Formação das Sujeitas e Sujeitos Periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo. São Paulo: Ed. Dandara, 2022.

_____. Contribuições para a Definição dos Conceitos de Periferia e Sujeitas e Sujeitos Periféricos. In: **Novos Estudos CEBRAP (Dossiê Subjetividades Periféricas)**, jan.–abr. 2020.

_____. Reflexões Periféricas: propostas em movimento para a reinvenção das quebradas. São Paulo: Editora Dandara/Centro de Estudos Periféricos, 2021.

MICELLI, Sergio. SPHAN: refrigério da cultura oficial. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 22, p. 44–47, 1987

MUSEU DA CIDADE DE SÃO PAULO. <https://www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br/>. Acesso em: 18 Fev. 2025

NOS TRILHOS. Revista Jaraguá. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura (VAI), 2021.

_____. Quem (Me) Mora no Bairro. Canal do YouTube Nos Trilhos: São Paulo, 2021. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=TbAJwxougBY> >. Acesso em: 18 fev. 2025.

RAIMUNDO, Silvia Lopes. Território, cultura e política: movimento cultural das periferias, resistência e cidade desejada. São Paulo, FFLCH–USP (Dissertação de Mestrado), 2017.

SMITH, Laurajane. O Discurso Autorizado do Patrimônio e a Fabricação do Patrimônio Cultural nos Contextos Contemporâneos. Revista Confluências Culturais, 2023, 12 (2), p. 122–135.

VV AA. DPH 45 Anos: Departamento do Patrimônio Histórico – Secretaria Municipal de Cultura (1975–2020). Revista do Arquivo Municipal de São Paulo (RAM 207). São Paulo: Arquivo Municipal de São Paulo, 2021.